

MARCIAL CHIQUEVA FERNANDO

FACTORES DO INSUCESSO ESCOLAR

- Um Estudo feito a partir da Escola Primária Árvore do Conhecimento

Nº 84, ano lectivo de 2016/2017

Orientador: Prof. Doutor José Bernardino Duarte

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação**

LISBOA

2020

MARCIAL CHIQUEVA FERNANDO

FACTORES DO INSUCESSO ESCOLAR

- Um Estudo feito a partir da Escola Primária Árvore do Conhecimento

Nº 84, ano lectivo de 2016/2017

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciências de Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com o Despacho Reitoral N.º 173/2020 de 22 de junho, com a seguinte composição de Júri:

Presidente: Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa

Arguente : Prof.^a Doutora Ana Benavente

Orientador: Prof. Doutor José Bernardino Duarte

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação

LISBOA

2020

EPÍGRAFE

A sabedoria da vida se aprende com o passar dos anos. A grandeza do ser humano não consiste na superioridade ou fama, mas nas acções de bondade e amor.

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra aos meus pais, irmãos e a todos que fazem da docência o seu ganha-pão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me chamou a vida e me protege todos os dias;

Aos meus pais que colaboraram com o projecto de Deus ao me trazerem neste mundo e pela educação que me deram desde o berço; Aos meus irmãos que nunca pouparam esforço e me apoiaram moral e materialmente nos meus estudos em todas as fases; a Antónia Kassuanga e Adriella Kassuanga;

A Sua Excelência Reverendíssima Dom José de Queirós Alves, Arcebispo Emérito do Huambo que aceitou o meu pedido de estudar a distância e por todo apoio, sobretudo por ter negociado com o Pe. Mário Leal, Pároco da Igreja de São Nicolau em Lisboa que me acolheu sempre que fui para fazer alguns módulos na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias;

Ao Dr. Carlos Brito, Administrador Executivo do ISUPE, mediador deste processo de mestrado em colaboração com a Dra. Marta Vieira Santos;

Sinto o dever e a obrigação de exprimir o meu agradecimento ao Professor Dr. José Bernardino Duarte, que aceitou moderar esta tese com muita perícia e paciência; aos professores do mestrado pela perícia e amizade; A todos os meus colegas que me encorajaram a não desistir mesmo quando os “euros” estavam a definhar;

Ao Sr. Pe. Adelino Kandjenguenga Prata, amigo e colega de longa caminhada, que me acolheu em Lisboa, me apoiando com roupas para o frio não fazer parar o meu “coração” e me dando sobretudo o lanche que me fortificou para a mente captar bem as meterias do Mestrado; ao Sr. Pe. Dr. José Kambuta pela revisão e correcção;

A Direcção, aos professores e alunos da Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84 por aceitarem colaborar comigo neste trabalho;

Enfim, a todos que directa ou indirectamente me apoiaram, para que este trabalho chegasse ao fim, o meu eterno obrigado.

RESUMO

O objectivo desta dissertação é reflectir sobre a temática dos Factores do Insucesso Escolar: um estudo feito a partir da Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84, ano lectivo de 2016/ 2017. De modo geral, designa-se de Insucesso Escolar a falta de aprovação numa determinada classe. Fizemos um recuo histórico e apresentamos as Teorias Explicativas do Insucesso Escolar e estas Teorias revelaram-nos que o Insucesso Escolar resulta da relação negativa entre a expectativa das crianças e a cultura dominante da Escola. O caminho seguido foi o da escuta: escutamos os sujeitos da nossa pesquisa que são o director, os professores e os alunos sobre a temática dos Factores do Insucesso Escolar no ensino primário. Eles dizem que para se atenuar o Insucesso Escolar no ensino Primário na Escola em análise é preciso: aumentar mais turmas a fim de se acabar com as salas ao ar livre; implementar o pré-escolar; criar mais condições de recreação para os alunos; criar mais reuniões com os encarregados de Educação; gratificar bem os professores e capacitá-los periodicamente com seminários. Fizemos análise dessas declarações e de factos mencionados e no final fazemos sugestões de melhoria da situação de Insucesso Escolar.

Palavras-chaves: Insucesso Escolar, aluno, professor, escola, aprendizagem.

SUMMARY (ABSTRACT)

Objective of present dissertation is to analyze about Factores of School Inadequacy: studies made from Primary School named Tree of Knowledge nambar 84, during the years 2016/2017. Generally, School Inadequacy is when the student doesn't get school success. We have presented explaining Theory School inadequacy from where was possible to understand that School Inadequacy is a result of children negative relationship expectative the culture of the school. We have hearing method, starting from headmaster, teacher and students about Factores of School inadequacy in the Primary teaching. All of them answered by I the same voice that to made up school inadequacy is necessary to increase classrooms, avoiding those who are orking in the open air, to improve pre-school, to create conditions for children recreation, meeting forever with parents, to wage we weel teachers and work to workshop them. Therefore, became clear dissertatiom conclusions word and sustained hypothesis.

Key-words: School inadequacy, Sduntent, Teachear, School, Learning.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA.VV	Autores vários
APA	Guia complete de formação para trabalhos científicos
Dr.	Doutor
Dr ^a .	Doutora
Cfr.	Conferir
CRESA	Centre de recherché de l�ducation sp�cialis�e et de l'adaptation scolaire
EPT	Educação para todos
FNELA	Frente Nacional de libertação de Angola
Ibidem (ibid)	� um vocábulo de origem Latina, com significado de ‘no mesmo lugar.’ é usado nas citações de um texto para referir uma fonte repetida, na nota subsequente, da mesma obra
MPLA	Movimento popular de libertação de Angola
N�	Número
OP. EDU	Observatório de política de Educação e formação
P	Página
pp	Páginas
Pe.	Padre
Sr.	Senhor
UNESCO	é a sigla para a organização das nações unidas para Educação e Cultura
UNITA	União Nacional para a libertação total de Angola
wc	Casa de banho

ÍNDICE DE TABELAS**P**

Tabela 1. Relatório de escolarização nos primeiros cinco anos de Independência	38
Tabela 2. Estrutura do ensino na primeira reforma (1978)	39
Tabela 3. FICHA DE APROVEITAMENTO POR CLASSE DO ANO LECTIVO DE 2015.	48
Tabela 4. FICHA DE APROVEITAMENTO POR CLASSE DO ANO LECTIVO DE 2016	49
Tabela 5. FICHA DE APROVEITAMENTO POR CLASSE DO ANO LECTIVO DE 2017	50
Tabela 6. Idade média dos alunos inquiridos	53
Tabela 7. Frequência por sexo dos alunos.	53
Tabela 8. Idade média dos professores inquiridos	55
Tabela 9. Frequência por sexo dos professores	56
Tabela 10. Nível de escolaridade dos professores	56
Tabela 11. Tempo de serviço	56

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14
1. Insucesso Escolar	14
1.1. O Insucesso Escolar na Perspectiva de diferentes autores	14
1.2. Clarificação do Conceito de Insucesso Escolar	15
1.2.1. Teorias Explicativas do Insucesso Escolar	16
1.2.2. Teoria dos Dotes Individuais.....	16
1.2.3. Teoria do ‘’Handicap’’ ou Défice Sociocultural	19
1.2.4. Teorias Socio-institucionais	23
1.3. Para além dos obstáculos da escola.....	26
1.4. A escola e os seus protagonistas.....	26
1.5. As Consequências do Insucesso Escolar	27
2. A UNESCO e a questão da educação para todos (EPT)	28
2.1. O Contexto da Política Nacional sobre a Educação.....	29
2.2. 2. Angola – A educação antes da independência	30
2.2.3. Surgimento do ensino oficial em Angola	30
2.2.4. O período que antecedeu a Independência: 1974 – 1975	32
2.2.5. Angola – A Educação pós-Independência (1975 – 1980)	33
2.2.6. Políticas do ensino em Angola “experiência socialista” (1975 a 1991)	34
2.2.6. Novo sistema de Educação e Ensino	35
3. O Insucesso Escolar em Angola	39
CAPÍTULO II: PROBLEMÁTICA	42
1. Questão de Partida.....	42
2. Objectivos do Estudo.....	43
2.1. Objectivo Geral	43
2.2. Objectivos específicos	43
CAPÍTULO III: METODOLOGIA	44
1. Tipo de Pesquisa.....	44
2. Sujeitos	44
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO / ANÁLISE DOS DADOS	50
CONCLUSÕES.....	67
BIBLIOGRAFIA.....	70
ANEXOS.....	72

INTRODUÇÃO

Neste nosso trabalho para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no ramo de Especialidade de Políticas Públicas e Contextos Educativos, vamos reflectir sobre os Factores do Insucesso Escolar- um estudo feito a partir da Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84, ano lectivo de 2016/ 2017.

Desde a sua origem a Escola tem um papel muito importante na formação dos indivíduos. A Escola não existiu nas sociedades mais recuadas na história, como a temos hoje. Ela apareceu para transmitir a linguagem escrita e para formar a classe dominante.

Na verdade, falar de Insucesso Escolar é abordar um fenómeno complexo, visto que envolve o Estado, os alunos, os pais, os professores e torna – se complexo porque quase que ninguém quer assumir a responsabilidade em primeira pessoa. Os alunos dizem que há Insucesso Escolar porque os professores são muito rigorosos, os professores dizem que há Insucesso Escolar quando os alunos não se empenham, os pais afirmam que há Insucesso Escolar quando os pais não têm condições favoráveis para comprar matérias para os seus filhos, as vezes os pais e professores dizem que se verifica Insucesso Escolar quando o Estado não paga bem os professores, e não oferece boas escolas para se poder dar bem as aulas. Como se vê é difícil tratar deste tema.

O tema em foco é muito importante, mormente, se pensarmos que a riqueza de um país não são os recursos minerais, mas sim os recursos humanos.

O que nos motivou a reflectir sobre a temática dos Factores do Insucesso Escolar é o amor pelo Ensino Primário, pois que, é aí onde se começa a formação do homem. Se quisermos um ensino de qualidade é preciso começar pela base, isto é, no Ensino Primário. É no início que se deve valorizar o conhecimento, “um bom começo vale para toda a vida” uma boa relação com a escola que não mata curiosidade, que não faz separação entre o que vai aprender e o que não vai aprender. As crianças são curiosas, não podem ser desvalorizadas e desprezadas na escola. Por isso, os professores do Ensino Primário têm de ser os melhores mestres na transmissão do saber bem como dos valores morais para se moldar o ser humano deste a infância.

O índice elevado de Insucesso Escolar na escola em análise está na base da escolha deste tema para diagnosticarmos os Factores do Insucesso Escolar e analisar os mecanismos para se poder diminuir ou mesmo estancar este fenómeno.

Tal como muitos países do mundo se preocupam com o fenómeno do Insucesso Escolar Angola não foge a regra. Assim, o Insucesso e o abandono Escolares em Angola constituem um dos factores mais preocupantes com que se debatem muitas escolas espalhadas pelo país, o que significa que todos os anos notamos alguns alunos a repetirem de classe, outros a desistirem, pois que, os espaços para estudar são escassos, isto é, temos poucas escolas e o número de professores como não é satisfatório criam-se salas de aulas com um número elevado de alunos, o que agudiza de que maneira o tal Insucesso Escolar no Ensino Primário.

«A escola é a continuação da educação de valores iniciados em casa. Na escola esses valores são consolidados e ampliados, aprofundados, e ajustados ao novo ambiente da criança. Assim, os valores como o respeito, honestidade, franqueza, fidelidade, humildade, lealdade, etc, são retomados a nível da escola» (Kundonguende, 2013, p. 116).

Quais os Factores que influenciam o Insucesso Escolar dos alunos na Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84? Está e outras perguntas vão nortear a nossa pesquisa.

«O plano de educação para todos (EPT) da UNESCO, implicado para atingir a universalização da escolaridade básica, permitiu dar passos significativos nos países menos avançados neste domínio. A sua implantação suscitou uma mobilização da comunidade internacional e científica por um objetivo comum: encontrar respostas que assegurem o acesso e sucesso escolar de todas as crianças do mundo» (Panchaud & Benavente, 2008, p. 27).

De facto, a educação para todos (EPT) da UNESCO é um desafio muito grande sobretudo nos países subdesenvolvidos como é o caso do nosso país Angola, onde não só podemos falar do Insucesso Escolar, como ainda encontramos dificuldades em inserir a criança no processo de ensino e aprendizagem, isto quer dizer que, encontramos dificuldades em matricular uma criança no Ensino Primário na escola pública.

Assim sendo, esta dissertação encontra-se estruturada em quatro capítulos, onde dentro de cada capítulo elucida-se melhor o trabalho a desenvolver.

Capítulo I. É o capítulo do Enquadramento Teórico onde abordaremos o Insucesso Escolar na perspectiva de diferentes autores, clarificação do conceito de Insucesso Escolar; Teorias Explicativas do Insucesso Escolar; para além dos obstáculos da escola; Consequências do

Insucesso Escolar; a UNESCO e a questão da educação para todos (EPT), e o Contexto da Política Nacional sobre a educação.

Capítulo II. Problemática, onde veremos a questão de partida e os objectivos do estudo.

Capítulo III. É a metodologia, onde veremos o tipo de pesquisa, os sujeitos da investigação, os instrumentos e a caracterização da escola.

Capítulo IV. É a Análise dos Dados, onde focalizaremos sobretudo, a análise das variáveis do inquérito respondido pelos alunos, análise das variáveis respondido pelos professores, entrevista a dois professores e ao director da escola e a discussão.

A dissertação termina com a conclusão final, em que é realizada uma reflexão sobre toda a investigação realizada.

Procedemos seguindo o método analítico, crítico e comparativo. Procuramos ter um contacto directo com os sujeitos da pesquisa e trabalhar numa escola concreta. O fim desta dissertação é de ordem académica, na medida em que para além de nos adestrar na investigação científica, nos permitiu aprofundar um pouco mais sobre os Factores do Insucesso Escolar no ensino primário. Entretanto, esta dissertação poderá ajudar os profissionais da educação no sentido de terem mais conhecimentos a fim de arranjar mecanismos para estancar ou diminuir este fenómeno do Insucesso Escolar. Na elaboração desta dissertação usamos a norma APA.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Insucesso Escolar

1.1.O Insucesso Escolar na Perspectiva de diferentes autores

O estudo do fenómeno do Insucesso Escolar é recente na história. É a partir dos anos 60 onde encontramos os primeiros pesquisadores desta temática. Realmente, o conceito de Insucesso Escolar é recente na História da Educação da Sociedade Ocidental e surge associado à implementação da obrigatoriedade escolar, decorrente das exigências da Sociedade Industrial. A sua noção conceptual assume-se nos meandros da rede política económica do século XX, com a organização das escolas com currículos estruturados, que pressupõem, por inerência, metas de aprendizagem. Ou seja, a escola ao veicular a transmissão do saber instituído, propõe a aquisição desse saber, através de metas e limites que demarcam as fronteiras reais entre sucesso e Insucesso Escolar, pelo que, quando um aluno “fica para trás”, já está em Insucesso, visto que, não atingiu alguma coisa que é suposto ser atingida por todos os alunos (Benavente, Pires, Pais, & Relva, sd, p. 1).

De facto, a noção de Insucesso Escolar ganhou amplitude tendo mobilizado o interesse dos pedagogos e dos psicólogos a partir dos anos 60 quando a democratização do ensino¹ aumentou consideravelmente o número de alunos. Mas foi sobretudo nos anos 70 que a noção se desenvolveu quando o colégio único acolheu todas as crianças que não apresentam problema nenhum especial. Foi sobretudo por volta dos anos 80 que se tentou clarificar esta noção de Insucesso Escolar, mesmo já se tendo tentado encontrar uma solução para uma situação que se tornava evidente na realidade das turmas (Arenilla, Gossot, & Marie-Claire Rolland, 2013, p. 304).

Na óptica de Roazzi e Almeida, o Insucesso é a “ falta de bases dos alunos ou, ainda, o disfuncionamento de estruturas educativas, familiares e sociais” (Roazzi & Almeida, 1988, p. 45). Para Rangel o Insucesso Escolar que conhecemos hoje é datado de há bem poucos anos. Esta noção passou gradualmente do campo da psicologia ao da sociologia, porém ela não fez essa passagem em todos os locais e ao mesmo tempo (Rangel, 1999, p. 44). Para Benavente, o

¹ Cfr. Democratização do Ensino significa que o ensino que era só para alguns tornou se algo acessível a todos que queiram aprender.

Insucesso Escolar é um fenómeno constante – em todos os anos em que há avaliação formal, ao longo do percurso escolar e em todos os sistemas escolares há Insucesso.

1.2. Clarificação do Conceito de Insucesso Escolar

Depois da apresentação do conceito de Insucesso Escolar na perspectiva de diferentes autores, agora vamos clarificar o mesmo conceito.

Etimologicamente, a palavra Insucesso vem do latim *insucessu(m)*, o que significa “malogro; mau êxito; falta de sucesso que se desejava” ou ainda “mau resultado, mau êxito, falta de êxito, desastre, fracasso” (AA.VV, 1942, p. 899). O termo Insucesso Escolar tem a ver com o mau resultado dos alunos em relação aos objectivos escolares, isto é, quando o aluno não consegue aprender.

O vocábulo *Insucesso* é habitualmente referenciado por analogia ao termo *sucesso*, que advém do latim *sucessu(m)*, o qual assume, entre outros, os seguintes significados “o bom êxito, conclusão” ou “chegada, resultado, triunfo” (Mendoça, 2005, p. 1).

Na sequência do exposto, se em termos estritos efectuamos uma correlação entre os termos *bom/sucesso* e *mau/insucesso*, verificamos que os sinónimos evocam sempre atributos pessoais, positivos ou negativos. A mesma opinião é partilhada por Silva (Silva, 1997, p. 28), no seu estudo conjunto, onde a pesquisa do termo *fracasso* se refere a *desastre, ruína, perda, mau êxito, malogro*; enquanto *sucesso* se refere a *bom êxito e resultado feliz*. Segundo estes autores, estas definições conduzem à depreensão de que é o aluno quem na sua trajetória escolar, obtém sucesso ou fracassa, razão pela qual os termos *sucesso* e *fracasso* se referem tradicionalmente, ao resultado positivo ou negativo obtido pelos alunos e que se expressa pela aprovação ou reprovação no final do ano lectivo (Mendoça, 2005, p. 1).

Portanto, em síntese, fala-se de Insucesso Escolar quando um aluno não consegue atingir o saber, ou seja, quando um aluno não é capaz de assimilar as matérias escolares a ponto de transitar de classe. Quando falamos de Insucesso Escolar em causa estão os alunos, os professores, os encarregados de educação, o ambiente que rodeia as crianças e a escola, o governo e toda a comunidade. Por isso, o Insucesso Escolar atinge toda a sociedade².

² Cfr. O termo Insucesso Escolar apresenta várias definições, mas todas elas têm um ponto comum que tem a ver com o fraco rendimento dos alunos na escola.

1.2.1. Teorias Explicativas do Insucesso Escolar

O Insucesso Escolar tem a ver com o não rendimento do aluno na escola. Agora veremos as teorias explicativas deste fenómeno de Insucesso Escolar.

No que tange a esta questão, várias pesquisas foram realizadas no sentido de tentar explicar as disparidades socioculturais e conhecer as verdadeiras causas do Insucesso Escolar e a sua natureza. Para a Explicação do Insucesso Escolar temos três Teorias: Teoria dos Dotes Individuais, Teoria do “Handicap” ou Défice Sociocultural e Teorias Socio - institucionais.

1.2.2. Teoria dos Dotes Individuais

Baseada em teorias psicológicas sobre Inteligência pré-Piaget. Concebe a inteligência como um dote de nascimento, estático, imutável. O aluno é o único responsável pela sua aprendizagem. A Escola é considerada neutra.

«Débil, deficiente mental educável, criança com desvio de conduta, criança lenta, criança com repertório comportamental limitado, criança com distúrbios de aprendizagem, carente linguístico, carente cultural, criança com pobreza vocabular, com atraso de maturação, com distúrbio psicomotor, com problemas de socialização, hiperatividade, dislexia, portadora de necessidade especiais . Esses são os nomes criados ao longo dos anos, na visão de Griffio , para identificar aqueles que fracassam na escola. Estes nomes surgem dentro de um contexto. Era a maneira antiga de encarar o Insucesso Escolar. Uma das consequências mais indesejadas da utilização dessa abordagem é a identificação do aluno como alguém que possui uma falha orgânica, ou seja, um défice neurológico. No emprego dos termos como dislexia, hiperatividade e disfunção cerebral mínima, tende-se a ver o aluno como o único responsável pelo seu próprio fracasso» (Griffio, 1996, p. 23).

Assim, toda a psicologia genética experimental demonstrou que os esquemas do pensamento lógico, as aptidões particulares, os interesses, etc. são elementos da personalidade construídos durante a integração social da criança sobre bases fisiológicas hereditárias, claro, mas que estas bases não chegam para determinar o destino escolar dos indivíduos (Benavente, 1976, p. 38).

Benavente argumenta que a existência de «dotes» como tal, decididos uma vez por toda à nascença, é profundamente e radicalmente contrariada por todos os dados científicos e experimentais, respeitando aos estudos do desenvolvimento intelectual e afectivo da criança; com efeito, quando se contesta a existência de «dotes» intelectuais, aparecem imediatamente uma série de perguntas: «então porque é que irmãos educados exatamente da mesma maneira não são igualmente inteligentes? E a hereditariedade? E os génios?» e tantas outras perguntas que poderíamos acrescentar (Benavente, 1976, p. 38).

«Num artigo intitulado «Les dons n’existent pas» Lucien Sève responde a estas e outras questões dizendo que «não se trata de negar nenhum facto, como por exemplo a diversidade quantitativa e qualitativa das aptidões intelectuais constatáveis entre os indivíduos ou a diversidade dos dados biológicos de partida nem mesmo a existência de uma certa relação entre estes dois factos» (Benavente, 1976, p. 38).

O que se trata de mostrar é que a diversidade de aptidões intelectuais não é de modo algum a consequência fatal da diversidade dos dados biológicos e que embora estes dados tenham naturalmente uma certa incidência sobre o desenvolvimento psíquico, são as condições sociais deste desenvolvimento que decidem tudo» (Benavente, 1976, p. 38).

Que significa exatamente dizer duma criança que ela «não é feita para aprender», que «ele não é capaz» e que outras pelo contrário, «tem muito jeito para isto ou para aquilo» ou ainda que o gosto por uma actividade «já nasce com a pessoa»? Quantas vezes ouvimos dizer quando uma criança começa uma aprendizagem «vamos ver se ela dá»? Que significa fazer apelo a existência de «dotes» para aplicar os resultados da escolaridade? No fundo, significa exactamente dizer o seguinte: «está escrito no cérebro de uma criança que ela será burra ou inteligente, apta ou inapta para esta actividade intelectual ou aquela outra». Donde vem a impressionante generalidade destas afirmações, destas convicções de existência de «dotes»? (Benavente, 1976, p. 39).

Vem no fundo do grande número de falhanços da educação familiar e sobretudo escolar, das frequentes constatações de pais que, investindo “tudo que pode” (e como podem, claro) na educação de um filho, procurando muitas vezes realizar nele aspirações de que eles próprios foram frustrados, fazendo “todos os sacrifícios”, chegam um dia a conclusão que é impossível atingir esse objectivo, que a criança “não dá para os estudos; tendo tentado o que estava nas mãos, impotentes diante da realidade só lhes resta explicar o Insucesso por uma causa «natural» e impossível de ultrapassar: a falta de «dotes». Esta convicção na sua falta de «dotes» aparece

então à criança como uma «doença» terrível e implacável contra a qual ela nada pode (Benavente, 1976, p. 39).

Na verdade, aprofundando a constatação destas «teorias», L. Sève mostra que falta de «dons» quer no fundo dizer falta de «inteligência»; ora a inteligência não é uma faculdade em si que existiria algures no indivíduo, mas sim um aspecto da actividade do homem, «de modo que não deve ser condenada como uma coisa, uma substância, uma faculdade mas como uma relação-uma relação entre o indivíduo e o seu mundo social» (Benavente, 1976, p. 40).

No entanto, negar a existência de «dotes» intelectuais e pôr em relevo o carácter cultural das aquisições não significa considerar a criança como uma «tabua rasa» onde nada está inscrito. L. Sève diz-nos que «à nascença as crianças não são nem absolutamente idênticas, nem absolutamente diferentes». É preciso compreender com toda a clareza o seguinte: é o desenvolvimento social do indivíduo que forma progressivamente as suas aptidões não independentemente dos dados biológicos, mas ultrapassando-os e compensando-os radicalmente se necessário (Benavente, 1976, p. 40).

Embora estas afirmações de Sève tenham respondido inteiramente aos que pretendem que existem «dotes» intelectuais que justificariam as diferenças de resultados escolares entre as crianças, formulamos só mais uma pergunta: se os tais «dotes» existissem, porque é que eles se distribuiriam em função do meio social? Porque é que as crianças nascidas nas classes média e superior teriam «dotes» que lhes permitiriam alcançar bons resultados escolares? Porque é que as crianças de meios desfavorecidos sofreriam ainda por cima de «falta de dotes» (elas a quem já falta tantas coisas)? (Benavente, 1976, p. 42)

Benavente, ao fazer uma pesquisa sobre o fenómeno do Insucesso Escolar nos 10 concelhos de Portugal captou dos investigadores que:

“As causas de ordem individual têm a ver com “déficits” psicológico, físico, afectivo e comportamentais dos alunos; por exemplo “falta de maturidade, instabilidade, dislexia, carência afectivas, causas de ordem psicomotora” (Benavente, 1990, p. 144).

Não podemos de facto atribuir unicamente à criança as culpas do Insucesso Escolar sem termos em consideração o meio em que vive e as características da escola primária. Aliás, quantas vezes quando um professor diz à mãe dum aluno que este tem dificuldade em aprender, esta responde: «mais ele tem tanta memória conta tudo o que vê na TV», «sabe fazer os recados

todos», etc., etc. Isto quer dizer que a criança é considerada inteligente ou não, trabalhadora ou preguiçosa em relação às normas escolares, em relação ao que a instituição escolar espera dos alunos (Benavente, 1976, p. 20).

Portanto, a teoria dos «dotes» naturais, foi posta em causa pelos pesquisadores da construção da inteligência, e por uma outra razão, nos anos 60, Pierre Bourdieu, em colaboração com outros pesquisadores, mostrou que os resultados escolares são socialmente seletivos. Não podemos aceitar que o Insucesso Escolar seja uma questão de «dotes» naturais centrados na criança, ele ou ela que não é capaz. Os sociólogos também rejeitaram esta teoria e mostraram que os filhos dos ricos e mais instruídos têm menos Insucessos em relação aos filhos dos menos instruídos e mais pobres. Desta feita, a tónica do Insucesso Escolar é posta nas famílias, nas comunidades, no meio sociocultural.

1.2.3. Teoria do “Handicap” ou Déficit Sociocultural

A segunda abordagem do fenómeno do Insucesso Escolar surgiu do desenvolvimento de pesquisas no campo da psicologia cognitiva. Trata-se de uma abordagem instrumental cognitiva, assim designada por buscar as causas das dificuldades de aprendizagem em possíveis disfunções relativas a um dos quatro processos psicológicos fundamentais: a percepção, a memória, a linguagem e o pensamento. É baseada nas teorias da “busca de talentos”. A tónica é posta nas famílias, nas comunidades, no meio sociocultural.

«Para Benavente, as causas de ordem sociofamiliar referem-se à situação familiar e social, cultural e económica dos alunos, às quais se atribui a responsabilidade das dificuldades escolares; como por exemplo “falta de cultura do meio, falta de vocabulário, falta de estímulo no bairro”» (Benavente, 1990, p. 144).

Como é que o meio social influencia os resultados escolares?

Por meio social entende-se, geralmente, a família, pois é através do pai, mãe e dos parentes mais próximos que a criança faz nos seus primeiros anos de vida a sua aprendizagem, os seus contactos com a realidade social, é através deles que a criança descobre os homens e o mundo; e são os hábitos, o modo de vida, os valores morais e culturais do seu meio que a criança interioriza. Cada criança constrói a sua personalidade e a sua inteligência nas trocas com o meio que o rodeia. Tanto do ponto de vista afetivo como intelectual, a criança é tributária das relações que estabelece com a mãe e com a família em conjunto. E esta influência do meio, influência

decisiva nos primeiros anos de vida torna-se cada vez mais importante com o decorrer dos anos (Benavente, 1976, p. 20).

Benavente afirma que, é na sua família que a criança aprende a falar, a distinguir «o que se faz» do que se «não faz», que a criança aprende certos comportamentos (a obedecer, a não mentir, a ser delicada, etc.) e princípios que regem a vida social. É na família e através dela que a criança terá ou não contacto com livros, com brinquedos, que ela viajará, aprenderá muita coisa, que a sua curiosidade será desperta e tomará certas direcções segundo os meios culturais que a família lhe proporcionará. É na família, pela mãe, pai ou irmãos que a criança ouvirá pela primeira vez falar da escola, falar dela como algo de positivo ou como uma ameaça «quando fores para a escola é que vais ver...», ouvirá falar do professor como dum amigo ou como dum «agente de autoridade» (Benavente, 1990, p. 21).

De facto, concordo com o pensamento de Benavente que valoriza a família na vida da criança. Por isso se diz que a família é a base da sociedade. De famílias bem estruturadas saem boas pessoas, isto é, pessoas educadas e pessoas que gostam de aprender e aprender cada vez mais.

Os factores de Insucesso ligados ao meio sociais são de ordem cultural. De ordem material podemos citar o nível económico da família que determinará a alimentação da criança, o seu equilíbrio fisiológico. O nível económico da família determina ainda a maneira como a criança se veste: mal vestida sentir-se-á rapidamente “diferente” dos seus colegas, inferiorizada (Benavente, 1976, p. 21).

Importa frisar que, em 1980, em Portugal duas investigadoras realizaram uma pesquisa com o objectivo de analisar alguns dos mais importantes obstáculos que se levantam ao sucesso escolar no ensino primário. Não havia dúvidas sobre a relevância da questão. Basta referir que, no final da primeira fase do ensino básico, não passavam na altura à fase seguinte cerca de quarenta por cento dos alunos. Isto para o conjunto do país (António, 2001, p. 31).

Por exemplo, nos alunos cujos pais pertenciam ao grupo socioprofissional dos «quadros», a taxa de Insucesso era apenas de três por cento. Nos filhos de “empregados e funcionários” passava cerca de oito por cento. Mas, para os alunos com pais “operários”, a taxa de Insucesso atingia já a casa dos trinta por cento. Nível de Insucesso que era ainda ultrapassado pelos alunos com pais em situação socioprofissional precária (ocupações ocasionais, desqualificadas) ou mal definida, chegando ao nível dos cinquenta por cento (António, 2001, p. 32).

Esses dados, só por si, são bastantes sugestivos. Mostram que existe uma clara relação entre a taxa de Insucesso Escolar dos alunos e a categoria socioprofissional dos pais. Ao confrontar-se a taxa de Insucesso Escolar com o grau de escolarização das mães dos alunos verifica-se, igualmente, uma relação bem definida. Quase metade dos filhos de mães sem escolaridade tinha reprovado no final da primeira fase do ensino básico. A taxa de Insucesso vai diminuindo regularmente à medida que aumenta o nível de escolarização da mãe. Naquelas cujas mães tinha feita a quarta classe, por exemplo, a taxa de Insucesso baixava para perto de dezanove por cento. E a menor taxa foi encontrada entre os filhos de mães possuidoras de diploma de ensino superior: apenas três por cento desses alunos tinham reprovado (Idem).

Para os meios sociais desfavorecidos há muitas vezes poucos contactos com a cultura letrada, com os livros, com o cinema, com o teatro, com tudo aquilo que na nossa sociedade se chama “cultura”. A cultura destes meios é essencialmente prática, virada para a acção imediata e para a utilidade quotidiana; os limites do universo destas crianças são geralmente muito estreitos, se nascem no campo não conhecem a cidade, se vivem na cidade às vezes nunca saíram do bairro, nunca andaram num comboio, num avião, por exemplo. Medem o mundo a partir do que conhecem. Quer isto dizer que as aspirações das famílias de meios socialmente desfavorecidos em relação à escola são limitadas: não esperam que o filho venha a ser doutor ou engenheiro. Primeiro porque isso não entra no quadro do “possível”, depois porque não têm dinheiro para sustentar os filhos tantos anos e lhes pagar estudos e finalmente porque a criança deverá começar a trabalhar o mais cedo possível, trazendo a sua contribuição financeira à família. Os pais conhecem mal a escola e o seu funcionamento, não têm muitas vezes conhecimento suficiente para se interessarem de perto e ajudarem os filhos na escola (Benavente, 1976, pp. 22-23).

Assim, exercendo muitas vezes profissões duras e cansativas, utilizando os tempos livres entre mais trabalho e alguns divertimentos de fraco nível cultural, «tomaram eles nem pensar na escola». Acham, no entanto, que os filhos devem trabalhar na escola e as críticas dos professores que dizem aos pais que um aluno é «preguiçoso», «distraído», «não faz os trabalhos», «só quer é brincar», por exemplo, são geralmente punidas pelos pais. O facto é que aparece cada vez mais evidências a importância de aprender pelo menos o “mínimo” na escola e de obter o certificado do ensino obrigatório; a partir daí o «Insucesso» que significa o não continuar a estudar para além desse ensino obrigatório nem sempre é sentido como tal pelos pais porque

têm consciência de que «os estudos não são para nós» e que esses estudos não lhes apareceram sequer como uma hipótese possível (Benavente, 1976, p. 23).

Esta situação é radicalmente diferente no que respeita aos meios sociais favorecidos: qualquer dificuldade é motivo de preocupação, de ajuda, qualquer reprovação é tragédia, será evitada a todo o custo. Os pais seguem a escolaridade dos filhos, compram-lhes todos os instrumentos que os possam ajudar, informam-se, falam com o professor (e falam de «igual para igual» quando não de superior para inferior, relação profundamente diferente da agressividade ou timidez face ao professor dos pais de meios desfavorecidos) (Benavente, 1976, pp. 23, 24).

O que se passa as vezes é que os pais, os encarregados de educação, querem relegar todo o trabalho do processo de ensino-aprendizagem simplesmente aos professores. Tem de haver uma colaboração da família, dos alunos e do próprio professor neste processo de ensino-aprendizagem.

Na verdade, podemos verificar Insucesso Escolar por parte dos alunos quando os pais não se interessam com a escola e a educação dos seus filhos, isto acontece sobretudo quando os pais colocam no centro das suas preocupações o trabalho e relegam para segundo plano a educação dos filhos. Em outras palavras, quando os pais não colaboram no processo de ensino-aprendizagem dos seus filhos dificilmente estes têm sucesso escolar.

A maior parte dos estudos que analisaram os factores de Insucesso ligados ao meio sociocultural concluem que, mais determinante ainda do que o nível de vida económico da família é o seu nível cultural que será determinante para a carreira escolar das crianças (Benavente, 1976, p. 24).

“Bourdieu e Passeron demonstram de facto nos seus estudos através de números que avançam e das análises que fazem que o êxito escolar depende fortemente da familiaridade com a cultura letrada e que o nível de diploma do pai (e mãe) está mais fortemente ligado esteticamente ao êxito do que o nível económico da família” (Benavente, 1976, p. 24).

No que diz respeito aos tais «Handicaps socioculturais», trata-se de um conceito que fez a sua aparição nos Estados Unidos nos anos 60 para tentar explicar o Insucesso massivo das crianças das classes populares ou de minoria socialmente discriminadas. Para os defensores desta «teoria» as crianças apresentam carências, insuficiências de ordem intelectual, linguística ou afetiva que é preciso compensar através de métodos pedagógicos apropriados. Trata-se no

fundo de considerar o ensino e a cultura como algo de absoluto, norma única e universal a qual todos devem «aceder», sem ter em conta o carácter relativo e social desse ensino e dessa cultura dominante no momento histórico dado (Benavente, 1976, p. 43).

Os investigadores do CRESAS combatem esta afirmação de «deficiências» intelectuais nas crianças de meios desfavorecidos, demonstrando através duma investigação muito concreta que utilizava provas de Piaget para um exame psicológico de crianças de meios diferentes, que «não podemos observar com clareza diferenças de nível entre as duas populações contrastantes quanto ao meio de origem, mas o que constatamos foram diferenças nítidas em relação à adaptação à situação de experiência, ou seja, nas interações criança-prova-investigador». É dos múltiplos resultados dos seus trabalhos que os investigadores do CRESAS partem para pôr de outro modo o problema das repetências e dificuldades escolares. Dizem: as explicações já não se podem procurar de maneira unívoca do lado das características individuais das crianças: é preciso analisar as relações entre as instituições escolares e as diferentes classes sociais. Este ponto de vista implica, em particular, a análise das normas culturais às quais estão confrontadas as crianças na escola e da posição das diferentes classes sociais em relação a essas normas e essa cultura» (Benavente, 1976, pp. 43-44).

Por conseguinte, a segunda teoria do défice sociocultural, afirma que, se não são as crianças, os culpados do Insucesso Escolar são as famílias que não têm a cultura da escola, não têm conhecimento da escola. Com a evolução dos tempos esta teoria foi posta em causa porque a questão tem a ver com o Insucesso Escolar. Fica a questão: se o Insucesso é Escolar, porque não se interroga a escola? A escola é uma instituição social histórica. Surge assim a terceira teoria do Insucesso Escolar, que são as teorias socio-institucionais.

1.2.4. Teorias Socio-institucionais

Baseia-se nos conhecimentos das ciências sociais e humanas contemporâneas. Questiona-se a relação entre a sociedade, na sua diversidade e desigualdades e a escola. A escola não é neutra.

Para Benavente, as causas ligadas à escola são essencialmente relativas a questões de organização e de funcionamento da instituição; por exemplo: ‘‘muitos alunos por classe’’, ou ‘‘falta de material didáctico’’ (Benavente, 1990, p. 144).

Ora quando olhamos para a escola aparecem-nos como factores de Insucesso evidentes os que estão ligados ao mau estado dos edifícios, à falta de conforto, ao mau estado das salas, ao tempo de duração do dia

de escola, dão o seu frequente funcionamento em regime duplo e até triplo (Benavente, 1976, p. 24). É verdade que enquanto subsistirem escolas sem condições materiais adequadas geralmente na província, em aldeias, ou nos bairros pobres das cidades, enquanto as crianças tiverem que andar a pé longas distâncias para irem à escola, por exemplo, será inútil tentar agir sobre os outros factores de Insucesso, mas a responsabilidade da instituição escolar vai bem mais longe (Benavente, 1976, pp. 24-25).

«Há que procurar os factores de Insucesso na sua estrutura, nos seus programas, na organização do ensino, no conteúdo das matérias, nos ritmos de aprendizagem, nos meios pedagógicos utilizados, na formação dos professores, na relação que se estabelece entre professor e aluno» (Benavente, 1976, pp. 24-25).

Estamos assim diante de três realidades que temos de ter em linha de conta no estudo do Insucesso Escolar: o meio social, a criança e a instituição escolar. Benavente afirma que, é na relação destas três realidades que devemos procurar os factos de Insucesso Escolar e suas causas explicativas. Não podemos de facto atribuir unicamente à criança as culpas do seu Insucesso Escolar sem termos em consideração o meio em que vive e as características da escola primária (Benavente, 1976, p. 20).

De facto, o Insucesso Escolar não tem a ver só com os alunos, mas envolve os professores, pais, a escola e todos que contribuem no processo educativo.

Dificuldade de aprendizagem, reprovações, atrasos, eis como se traduz o Insucesso Escolar na escola primária. Cada criança é considerada boa ou má aluna em função dos resultados obtidos e dos progressos efetuados no cumprimento dos programas de ensino (Benavente, 1976, p. 9).

Os professores do ensino primário vivem quotidianamente estes problemas: crianças que não aprendem ou aprendem com dificuldades, não passam de classe, estão atrasadas e às vezes até deixam a escola sem saber ler e escrever ou ainda, caso bem mais frequente, sem fazer sequer a 4ª classe. E o professor tem que ensinar a toda a classe, não pode ficar preso aos que se atrasam, não tem tempo (e a estes factor não será alheio o regime duplo e às vezes triplo em que funcionam as classes primárias); o professor tem que assegurar que pelo menos uma certa percentagem de crianças «aprendeu» a matéria prevista no programa (Benavente, 1976, p. 9).

Se os «dotes» não existem, os «handicaps socioculturais» não têm qualquer base científica nem experimental, mas apenas ideológicas, como explicar então o Insucesso Escolar? É justo o que diz a equipa do CRESAS: *a explicação deve ser encontrada nas relações entre a instituição escolar e os diferentes meios sociais*. Mas isso não chega, diríamos nós, pois é preciso não esquecer a criança, centro e «nú» dessas relações (Benavente, 1976, p. 44).

Não basta com efeito mostrar apenas que a escola esta dominada por uma cultura de classe que ela legitima os privilégios sociais, que ela legitima diferenças e que a escola seleciona. Para compreender o seu funcionamento (para além da sua função) temos que considerar a estrutura social no seu conjunto, mas também a situação concreta de cada criança pois há variações individuais importantes. Só articulando esses dois níveis poderão todos os que se interessam pela questão escolar encontrar elementos de resposta para o Insucesso Escolar (Idem).

“Pensamos, pois, que o Insucesso Escolar é função da capacidade do aluno em resolver as contradições que a escola lhe impõe: entre a escola e a realidade que vive quotidianamente, entre as aspirações, normas e valores da família e as normas e valores da instituição escolar, entre as aprendizagens exigidas pela escola e as que o aluno pode fazer na sua família e meio social” (Benavente, 1976, p. 46).

“A capacidade da criança para ultrapassar estas contradições depende da sua personalidade e fundamentalmente do estímulo, do «apoio» e instrumentos que lhe dá o seu meio ambiente (e a família em particular) e a própria instituição escolar (e o professor em particular). O apoio do meio familiar pode tomar dois aspetos:

ou as práticas educativas e de vida, as representações, valores, aspirações são próximas das exigências da escola, ou a família pode ajudar a criança a compreender e dar sentido, a encontrar uma justificação para o que vive na escola, apesar das contradições. Estas justificações podem resultar duma pressão moral ou efetiva (geralmente pouco eficaz, «para a mãe ficar contente», etc.) ou da tomada de consciência pelos pais da necessidade de formação no quadro de força política (a escola é má, mas é um instrumento para nos batermos pelos nossos interesses de classe – traduzido em palavras acessíveis à criança) (Idem, pp 46-47).

Em síntese, as teorias socio-institucionais revelam-nos que o Insucesso Escolar resulta de uma relação negativa entre as expectativas das crianças e a cultura dominante da escola. Por isso, se

fala de pedagogia diferenciada que procure desenvolver actividades diferentes de modo a poder envolver os diferentes perfis das crianças. As crianças vêm de meios diferentes, é nesta relação onde reside o factor mais importante do Insucesso Escolar. Podemos ainda apontar como causa socio institucional quando um determinado professor não consegue lecionar com perícia e isto, influencia negativamente no rendimento escolar do aluno, e menos diretamente a má organização da escola.

1.3. Para além dos obstáculos da escola

1.4. A escola e os seus protagonistas³

A escola primária não seria uma fase da vida mas “a base” da vida; não seria uma instituição em que se realizam certas aprendizagens mas o “início de tudo.” Tunnuci afirma que as crianças que chegam a escola já realizaram aprendizagens fundamentais da espécie humana (andar, falar, comunicar com os outros) mas ouvem muitas vezes, no primeiro dia de aulas que “não sabem nada”, que têm “tudo a aprender” (Benavente, 1990, p. 150).

De facto, a escola primária tem de ter uma atenção muito especial para com os alunos, porque é o alicerce. Frequentando um ensino primário de qualidade o aluno estará bem capacitado e habilitado para frequentar com êxito as outras classes. Caso contrário, amontoam-se obstáculos e dificuldades.

Para o efeito, Benavente aponta três questões que constituem obstáculos ao sucesso escolar:

Primeira questão: “a escola produz obstáculos ao sucesso escolar de certos alunos, tanto ao nível do seu funcionamento como das suas práticas institucionais. Uma escola com turmas muito extensa de alunos, o professor não consegue dar atenção há todos os alunos”.

Segunda questão: “os professores traduzem diferentes atitudes pedagógicas e explicitam critérios diversos quanto aos alunos e ao processo de ensino-aprendizagem. Certas atitudes e certos critérios dificultam o sucesso escolar dos alunos. Atribuem as dificuldades escolares às características individuais das crianças ou às dos meios sociofamiliar e ainda com menor frequência, a certos aspectos do funcionamento da escola.”

³ Cfr. Os protagonistas da escola são o estado, os professores, os alunos, os encarregados de educação e todos aqueles que de uma forma directa ou indirecta contribuem no processo de ensino e aprendizagem.

“Nota-se que muitos professores não valorizam as aprendizagens anteriores dos alunos; o discurso pedagógico é muito estereotipado”.

Terceira questão: “as relações escola-família-comunidade actualmente dominantes dificultam o sucesso escolar dos alunos dos meios populares” (Benavente, 1990, pp. 152-153).

Portanto, a escola deve valorizar o aluno e as suas potencialidades desde o início porque “um bom começo vale para toda vida.” Uma boa relação com a escola é importante, pois que, é na escola onde se molda o perfil de um homem.

1.5.As Consequências do Insucesso Escolar

O Insucesso Escolar é terrível apresenta consequências negativas. Mancha o perfil do aluno. A escola convence o aluno de que a responsabilidade é do próprio aluno que não assimila.

Benavente ao falar das consequências do Insucesso Escolar apontou as seguintes:

- a) O Insucesso Escolar traz consigo estigma individual desde a infância “aí que feia / feio”, reprovou, tens que estudar mais – olha o teu irmão, primo, etc., etc.” A criança que reprova fica muito triste e fica com um sentimento de não valer nada e isto lhe faz mal.
- b) Atinge a autoestima da criança desde muito cedo e leva, quando se torna cumulativo e constante, ao desinteresse escolar e à procura de afirmação individual – de que toda a pessoa e em particular os adolescentes precisam – noutros domínios, por vezes socialmente marginais e problemáticos.

O Insucesso Escolar é um fenómeno cumulativo – em estudos estatísticos e, portanto, extensivos, o grupo de alunos que já reprovou é o grupo em que a percentagem de reprovação é sempre mais elevada (“quem chumba, volta a chumbar”). Isto significa que, na generalidade dos casos – ao contrário do que se possa pensar – o Insucesso não é pedagogicamente positivo. Há várias razões, uma delas é que ninguém analisa as dificuldades específicas de cada aluno e este repete matérias e disciplinas, menos interessado e com a percepção de já conhecer as matérias, sem ultrapassar as dificuldades.

- c) O abandono- a criança quando tem muito Insucesso Escolar acaba por abandonar a própria escola e isto lhe leva na exclusão social. E uma criança excluída do processo de ensino e aprendizagem acaba por não ter futuro, e cai em frustrações, com o risco de se tornar mesmo mendigo ou então um marginal.

Em síntese, por outras palavras, podemos dizer que, uma criança quando fracassa na escola com muita frequência, pode-se tornar ameaça para a própria sociedade. Como não tem capacidade de assimilar a matéria vai ter dificuldades em singrar na vida. As consequências do Insucesso Escolar são individuais e coletivas. Consequências individuais porque, a criança fica atirada e abandonada e coletivas porque, quanto mais Insucesso menos eficácia da escola e mais problemas tem a sociedade. Todas as crianças em geral são capazes de assimilar no ensino básico desde que o professor procure utilizar estratégias a ponto de os alunos assimilarem a matéria, a não ser aquelas que tenham características de educação especial e que deverão ter acompanhamento adequado.

2. A UNESCO e a questão da educação para todos (EPT)

O Relatório da UNESCO sobre a educação para todos exarado no ano de 2015 e que continua actual até aos dias de hoje mostra-nos que Angola ainda não atingiu a educação para todos os cidadãos. Assim, o relatório da UNESCO sobre a educação em Angola no ano de 2015 cita o ex-presidente da República José Eduardo dos Santos que afirmou na mensagem do fim do ano de 2013:

«(...) 79% das crianças têm acesso ao Ensino Primário e 48% beneficiam de merenda escolar. Nos próximos tempos, os nossos esforços serão direccionados para a melhoria da qualidade do ensino a todos os níveis, fundamentalmente no Ensino Primário e Secundário. Hoje temos 7,4 milhões de alunos matriculados em todos os Níveis de Ensino não Universitário, dos quais 5,1 milhões no Ensino Primário e 2,3 milhões no Ensino Secundário. O número de professores é de 278 mil, dos quais 153 mil no Ensino Primário e Classe de Iniciação e 125 mil no Ensino Secundário. Com vista a melhorar a qualidade do Ensino de Base, o Executivo vai empreender acções para melhorar a formação de professores (...)» (Ministério da Educação, 2015).

“A educação é um assunto de todos”. Esta afirmação da UNESCO significa que o diálogo político constitui um eixo cada vez mais importante para a gestão e para o desenvolvimento dos sistemas educativos. Assim o entendemos e assim o entende a UNESCO. De facto, já no século XXI, a UNESCO afirmou que, sendo impossível governar por decreto, também se tornou evidente, no século XX que a educação, para atingir os objectivos da educação para todos, não pode ser atribuída a único ministério, mas sim de todo o governo e administração e ainda de toda a sociedade civil, necessitando da acção comum e concertada de um número crescente de

parceiro, isto é, tem de haver envolvimento de toda a sociedade no processo de ensino e aprendizagem (OP.EDU, 2013, p. 12).

A escola não é apenas um lugar de aprendizagem das consequências básicas para uma profissão e para a vida, tornou-se também, sobretudo, um local privilegiado para conhecer a vida, os outros e a si próprio. Cada vez mais, a escola tornou-se um lugar de vida e desenvolvimento pessoal e socialização e um lugar de vida para o desenvolvimento das comunidades. Uma tal visão de escola requer, evidentemente, a formação de professores capazes de enfrentar as novas exigências e aptos a construir respostas flexíveis e positivas para os desafios da escola para todos (Panchaud & Benavente, 2008, p. 28).

Em resumo, podemos dizer que a preocupação da UNESCO consiste em levar a educação a todas as nações, por isso, os governos têm de se organizar para se cumprir com este objectivo da UNESCO, visto que o desenvolvimento de um povo se mede pela cultura do povo, isto é, pela formação do povo.

2.1.O Contexto da Política Nacional sobre a Educação

Para além de a Educação ser um direito consagrado na declaração dos Direitos Humanos, em Angola, de acordo com a Lei 13/01, ‘‘a educação tem carácter democrático pelo que, sem qualquer distinção, todos os cidadãos têm iguais direitos no acesso e frequência aos níveis de ensino e de participação na resolução dos seus problemas’’ (EDUCAÇÃO, 2001, p. 1290).

Assim, a par do ensino obrigatório e da educação pré-escolar como afirma Zau, as respostas educativas devem estender-se de modo especial às crianças órfãs, abandonadas, deslocadas e traumatizadas de guerra, bem como, aos adolescentes e jovens em situação de marginalidade social. Também os adultos iletrados ou sem educação básica, com particular preocupação para um tipo de atendimento que possa proporcionar um maior equilíbrio entre sexos, apresentam necessidades educativas, que deverão ser satisfeitas em benefício pessoal e das comunidades angolanas (Zau, 2009, p. 341).

Para podermos entender melhor a problemática que nos envolve, vamos fazer uma resenha histórica sobre a educação em Angola no que tange a está matéria em que nos baseamos em alguns dados tirados na internet.

2.2.2. Angola – A educação antes da independência

Angola é um país africano, um país colonizado pelos Portugueses, por isso, tem o português como a sua língua oficial.

“Antes da ocupação e da expansão colonial em África no geral e em Angola em particular, já se praticava a educação, baseada num quadro não formal. Grande parte desta educação era adquirida pelos pais através do exemplo e do comportamento dos membros mais velhos da sociedade” (Vieira, 2007, p. 32).

A história de Angola nos faz perceber que, quando a primeira delegação chefiada por Diogo Cão em 1482 chegou a foz do rio Zaire, encontraram um povo administrativamente organizado, com um rei, uma capital (Mbanza Congo), uma população superior a 100 mil habitantes e com uma economia baseada na agricultura. Todos estes factos históricos demonstram o quanto esta população era educada; assim sendo, apesar de este povo não ter o domínio da escrita na altura, é de uma certa maneira errado pensar-se que o povo que habitava Angola não praticava a educação. Também não corresponde a uma verdade histórica afirmar que a educação nesta parte do continente começou com o processo colonial (Vieira, 2007, p. 32).

2.2.3. Surgimento do ensino oficial em Angola

É importante frisar que, durante vários séculos da colonização portuguesa, o ensino esteve sob a responsabilidade das Missões religiosas, sendo o ensino laico muito reduzido e praticado por algumas instituições não oficiais», na visão de Vieira. Segundo este autor, apesar da existência do ensino oficial na Província de Angola, a situação da maioria da população africana em nada se alterou, pois um grande número continuava sem escolarização, uma vez que (o decreto de 1845 de Joaquim Falcão, procurou dar satisfação às exigências das populações civilizadas) beneficiando a maioria da população colonizadora (Vieira, 2007, p. 43).

Portanto, o ensino estava relegado aos missionários não só católicos, mas também alguns missionários protestantes que contribuíram bastante em ensinar às primeiras letras às populações autóctones. Entretanto, o ensino não era para todos, mas sim para os filhos de uma minoria dos europeus, os filhos da burguesia europeia e aqueles que frequentavam os seminários para serem sacerdotes. Isto verificou-se até aos primeiros anos do século XIX, segundo a história de Angola (Ibid. p.45).

Apesar da existência de um ensino oficial em Angola, a situação da maioria da população africana em nada se alterou, pois, um grande número continuava sem escolarização.

Em termos da educação e ensino, a política do estado novo continuava a encarar a questão da escolarização dos africanos como sendo desnecessária (...) como afirmava o *Boletim do Ensino da Colónia de Angola de 1950*.

«O indígena tem de ser um indivíduo útil principalmente no seu meio de origem e só poderá ser, uma vez preparado, uma vez educado nos costumes salutareos do trabalho. O indígena na escola primária estaria deslocado, tornando-se altamente prejudicial a si e aos seus semelhantes. Devemos procurar evitar a difusão de escolas primárias nos povoados selvagens» (Vieira, 2007, p. 49).

Assim, vemos que, ‘apesar de alguns africanos terem acesso à escola, menos de 5% de todas as crianças de idade compreendida entre os 5 e os 14 anos frequentavam a escola em 1950, enquanto 97% de todos os africanos de 15 anos e mais velhos eram classificados analfabetos. De uma maneira geral podemos afirmar que o ensino colonial não era um ensino virado para as populações angolanas, para a sua cultura e para a promoção dos seus valores, era sim um instrumento ideológico do sistema colonial que tinha como objectivo inculcar valores morais, éticos, políticos e religiosos acerca da realidade portuguesa, incluindo ideias de servilismo na consciência do angolano, enquanto a escola era uma forte instituição de expansão da língua portuguesa em detrimento das línguas angolanas. É de salientar que nas colónias, os programas e conteúdos de ensino diziam respeito a realidade portuguesa. Estudava-se a flora e fauna, a história, a geografia de Portugal, criando-se um vazio cultural acerca de conhecimentos da realidade da própria colónia (Vieira, 2007, p. 80).

Assim, calcula-se que, por volta de 1962, tenham aparecido os primeiros Cursos de Monitores Escolares, ou seja, professores apenas habilitados com a quarta classe, que, nas zonas rurais lecionavam crianças da 1ª à 4ª classe, em alguns casos com as 4 classes dentro de uma mesma sala de aula. O tempo de duração da sua formação ocorria apenas no mês de março ou, entre julho e agosto, no período das férias, altura em que se podia dispor das instalações escolares, tanto para as aulas-modelo, como para o refeitório e dormitório. Em geral, os monitores apresentavam fraco domínio da língua portuguesa. Tinham dificuldades em redigir e cometiam

muitos e grosseiros erros ortográficos. A aprendizagem das aptidões pedagógicas assentava no princípio da imitação: “faz como eu faço” (Zau, 2009, p. 259).

Em 1971, havia 57% das aldeias sem escola. Muitas das instituições escolares que foram construídas após o início da luta armada, estavam sem professor. Mas, antes da “política de reordenamento” lançada pelo Governo português, em 1960 menos de 7% da totalidade dos alunos do ensino primário ingressava na 3ª ou 4ª classes, não ser registando, por conseguinte, apreciáveis melhorias nas condições de vida. Por um lado, mais de 99% da população africana residente no leste, não podia prosseguir os seus estudos para além da instrução primária, já que havia apenas uma única escola pública do ensino secundário na capital do distrito, no Luso, que tinha sido inaugurado em 1960 e era, maioritariamente, frequentada por crianças de origem europeia (Zau, 2009, p. 263).

Facilmente se conclui que, desde a implantação do ensino oficial em Angola (14 de agosto de 1845), o ensino primário não estava direcionado para as populações africanas. Salvo para aqueles que estivessem minimamente ligados a uma matriz cultural europeia. Esta contradição constituiu uma das principais razões para que Angola chegasse às vésperas da independência com uma taxa de analfabetismo rondando os 85% e com a grande maioria das crianças de origem africana sem oportunidades de estudar. Em 1973, o número de alunos, em todo o ensino primário, correspondia a 512.942 alunos, sendo portugueses um terço do mesmo (Zau, 2009, p. 263).

2.2.4. O período que antecedeu a Independência: 1974 – 1975

Antes de abordarmos qualquer aspecto de ordem política, gostaríamos de recuar um pouco no tempo para analisarmos, ainda que de forma sucinta, o 25 de Abril de 1974 que culminou com a queda do regime ditatorial em Portugal. O 25 de Abril mais do que um produto histórico dos nacionalistas portugueses, teve a sua génese na luta armada que os nacionalistas africanos de Angola, Moçambique e Guiné Bissau impuseram ao colonialismo português, criando uma situação favorável para a Independência das ex-colónias de África e o fim da ditadura em Portugal. Assim, a guerra desencadeada nos territórios destes países criou uma premissa para o 25 de Abril e com ele se abrissem as portas para a independência das ex-colónias. Vale a pena nos lembrarmos o que nos diz Basil Davidson:

«estas guerras portuguesas foram extremamente dolorosas, mas por volta de 1970 a 1ª resistência africana começou em geral a ganhar

vantagem. Essa resistência levou a grandes avanços políticos por parte dos africanos, assim como vitórias militares. Finalmente o derrube da ditadura salazarista em abril de 1974, também veio pôr fim a estas guerras dolorosas e desastrosas para Portugal» (VIEIRA, 2007, p. 80).

Queremos aqui mostrar o quão foi importante o sacrifício dos Movimentos Nacionalistas africanos (em Angola o MPLA, FNLA e a UNITA), pois, com este esforço, surgiu a independência que veio a favorecer os próprios africanos com relação a acessibilidade ao processo de ensino (Vieira, 2007, p. 91).

Pouco antes da proclamação da independência, o país envolve-se numa sangrenta guerra pelo poder, envolvendo os três movimentos de libertação (MPLA, FNLA e UNITA). Esta situação deixou o país economicamente debilitado, tendo destruído a maior parte das comunicações terrestres, e em particular o caminho-de-ferro de Benguela. Estes conflitos não beneficiaram em momento algum o processo do ensino no país, pois que, passou-se a partir deste momento a direccionar todas as atenções na implantação da paz bem como na estabilização do país (AA.VV, 2014).

2.2.5. Angola – A Educação pós-Independência (1975 – 1980)

Tendo em conta que a situação herdada do colonialismo, principalmente no campo da educação, não era das mais favoráveis, e consciente do alto nível de analfabetismo existente na sociedade angolana na altura, uma das primeiras medidas a ser implementada a nível nacional, foi o combate ao analfabetismo. Indicadores do Ministério da Educação publicado na revista Novembro apontavam que cerca de 85% da população do nosso país (Angola), era analfabeta e mesmo entre os alfabetizados muito poucos possuíam qualquer qualificação e só uma minoria não significativa possuía uma qualificação profissional (Vieira, 2007, p. 91).

“Considerando a alfabetização uma tarefa prioritária, as autoridades angolanas criaram a Comissão Nacional de Alfabetização, em 1976, sob a tutela do Ministério da Educação, mas dependendo funcionalmente das estruturas do MPLA, que levou a cabo uma Campanha Nacional de Alfabetização por forma a diminuir o número de analfabetos.

A campanha teve uma grande adesão por parte da população, quer no campo quer nas fábricas, nos quarteis e, em muitos casos, as aulas decorriam debaixo das árvores.

Esta campanha visava colmatar algumas carências a nível da mão-de-obra qualificada e iniciar uma forma de educação popular, baseada na experiência dos grandes movimentos de educação popular (...) da América Latina ao mesmo tempo que tentava fazer frente a situação económica do momento” (Ibid. 45).

Recorde-se que ao olhar das autoridades angolanas, a alfabetização era uma aposta de todo o povo, por isso, aqueles que sabiam ler e escrever eram recrutados para alfabetizadores que tinham a missão de ensinar os que não sabiam (Idem).

Decorrente da Constituição de 1975, foi estabelecido o princípio da gratuidade do ensino, o que provocou uma enorme explosão escolar, sobretudo, na pré-primária e na 1ª classe. Dada a carência de infraestruturas e de recursos.

Anos mais tarde, num balanço sobre esta actividade, o Ministério da Educação referia que, «ao fim dos primeiros dez anos de Batalha de Alfabetização, foram alfabetizados 1.048.000 cidadãos numa média calculada em 100.000 por ano» (Vieira, 2007, p. 93).

2.2.6. Políticas do ensino em Angola “experiência socialista” (1975 a 1991)

Ao conquistar o poder e declarar a independência do país em 1975, o MPLA optou ao mesmo tempo por uma tentativa de combinar a construção nacional com a construção de uma sociedade socialista, tal como definida pelo Marxismo-leninismo. Nesta perspectiva adoptou uma política educacional inteiramente subordinada a estes objectivos (AA.VV, 2014).

Na continuação deste ensino básico, foi estabelecido um ensino médio de quatro anos (9ª a 12ª classes). Boa parte das respectivas escolas tinha como objectivo uma formação técnico-profissional nos mais diversos ramos, inclusive no da formação de professores. A conclusão da 12ª classe dava acesso ao ensino superior. Criaram-se também a nível médio escolas de ensino pré-universitário (PUNIV), especialmente desenhadas para, em menos tempo, levar ao acesso a estudos superiores em letras e ciências naturais.

Para o estudo superior existia apenas a Universidade de Angola. Esta era a sucessora da Universidade de Luanda e passou em 1979 a chamar-se Universidade Agostinho Neto. Embora ela compreendesse várias faculdades situadas em Luanda e no Huambo, esta universidade não tinha condições para corresponder à procura gerada pela expansão do ensino, antes e depois da independência – tanto menos como o seu corpo docente ficou drasticamente reduzido com a

saída dos professores luso-angolanos, só parcialmente substituídos por “cooperantes” cubanos, alemães (da RDA) e Russos. Por esta razão, o MPLA estabeleceu um sistema de bolsas que permitiu, no decorrer dos anos, a vários milhares de alunos de realizar estudos universitários em diferentes “países socialistas” – principalmente em Cuba, mas também na União Soviética, na República Democrática Alemã e na Polónia” (Idem).

2.2.6. Novo sistema de Educação e Ensino

Tendo o governo da República Popular de Angola compreendido a importância do sector educativo no desenvolvimento do país bem como da sua população, ocupou-se em um novo sistema de Educação e do Ensino que não englobasse nos seus objectivos e princípios os signos da política educacional colonial. É neste quadro que foi promulgada a Lei nº 4/75 de 09 de dezembro de 1975, um mês à seguir a Independência, que consagrava a nacionalização do ensino (Idem).

A nacionalização do ensino tinha como objectivos imediatos fazer do sistema de educação um instrumento do estado e substituir todo o aparelho colonial da educação e ensino, promovendo no seio da sociedade angolana uma educação virada para o povo (**escola para todos**), uma vez que as autoridades coloniais não a tinham implementado devido a sua política de exclusão e discriminação da maioria dos angolanos (AA.VV, 2014).

É importante aqui salientar que, em função da influência dos seus aliados, o primeiro sistema de ensino traçado pelo 1º Congresso do MPLA, tinha fortes influências de países do bloco socialista.

Tendo em conta as orientações fundamentais para o desenvolvimento económico-social da República Popular de Angola no período de 1978/1980, as decisões saídas do 1º Congresso sobre a política educativa definiram como objectivos do sistema de educação e ensino o seguinte:

- Formar as novas gerações e todo o povo trabalhador sob a base da ideologia marxista-leninista;
- Desenvolver as capacidades físicas e intelectuais de formas a que todo o povo possa participar na construção da nova sociedade;
- Desenvolver a consciência nacional e o respeito pelos valores tradicionais;

- Desenvolver o amor ao estudo e o trabalho colectivo e o respeito pelos bens que constituem a propriedade do povo angolano;
- Desenvolver a unidade nacional;
- Garantir o desenvolvimento económico e social e a elevação do nível de vida da população (Educação em Angola- antes, durante e depois da independência, 2014).

De acordo com as decisões saídas desse Congresso que decorreu de 04 a 10 de dezembro de 1977, redefiniu-se o novo sistema de educação e ensino de seguinte forma:

- Um subsistema do Ensino de Base;
- Um subsistema do Ensino Técnico-profissional e
- Um subsistema do Ensino Superior.

De acordo com esta estruturação, o sistema de ensino contava com a seguinte componente:

Um Ensino geral de Base – constituído por 8 classes subdividido em 3 níveis; o primeiro de quatro classes, começava na 1ª até a 4ª classe; o segundo duas classes, incluía 5ª e a 6ª classe; e o terceiro, da 7ª à 8ª classe.

Um Ensino pré-universitário – estruturado em quatro semestres com a duração de 2 anos vigorava como um sistema transitório para o ensino universitário.

Um ensino médio – com a duração de quatro anos, possuía dois ramos: o *técnico* que visava a formação de mão-de-obra para a indústria; e *normal* para a formação de professores para o ensino de base.

Por último, **um ensino superior** – estruturado em *faculdades e institutos superiores*; tinha a duração de 4 a 5 anos.

Quanto a questão da explosão escolar que atrás já nos referimos, verificamos que o número de crianças que frequenta a escola nos primeiros anos de independência é bastante significativo e em muitas zonas do país improvisavam-se escolas, muitas em armazéns abandonados, igrejas, sob as árvores etc. Segundo referências do Ministério da Educação, em termos quantitativos, o sistema educativo da época colonial absorvia, em 1973, 608.607 alunos em todos os níveis e subsistemas de ensino e possuía 17.978 docentes». Comparando com o período de 1976/77, segundo referências deste ministério, os alunos inscritos eram 1.032.854 em todos os níveis do

ensino básico, superando significativamente o período colonial. *Veja-se o quadro a seguir.* De facto, dá para ver a diferença do ensino na época colonial e depois da independência. Na época colonial o estudo era só para os filhos da elite ao passo que, depois da independência o estudo se massificou bem (AA.VV, 2014).

Tabela 1. Relatório de escolarização nos primeiros cinco anos de Independência

Ano	Iniciação	Iº Nível	IIº Nível	IIIº Nível	Total
1976/77	361.446	592.450	70.933	8.025	1.032.854
1977/78	416.937	958.676	94.317	19.010	1.488.940
1978/79	746.328	1.420.739	113.884	24.663	2.305.614
1979/80	664.500	1.713.817	176.687	40.272	2.596.276
1980/81	404.255	1.332.297	150.204	36.433	1.923.189

Tal como o quadro mostra, com a independência o número de escolarização cresceu significativamente contrastando com os 608.607 alunos matriculados em 1973 pouco antes da conquista de independência. Esta situação, evidencia o esforço das autoridades angolanas no sentido de escolarizarem todas as crianças em idade escolar, mas demonstra fundamentalmente a exclusão a que muitos tinham sido sujeitos no regime colonial que lhe vedava o direito de ir à escola (AA.VV, 2014).

2.2.7. Primeira Reforma do Sistema Educativo em Angola (1976 – 2000)

“A organização do sistema educacional (1976), partiu da necessidade de mudança do sistema de educação que Angola herdara do colonialismo português, classificado como ineficiente, limitado, e em termos culturais, mais voltado ao domínio cultural de Portugal. O sistema educativo português exaltava seus valores em detrimento dos valores nativos de Angola (Nguluve, 2010, p. 55).

Este facto encontrava-se ainda patente nos manuais usados nas escolas, até a década de 1970, o que dificultou a reorganização do sistema educacional uma vez que esta exigia ruptura em

termo de hábitos, costume e pensamento (para libertar a mente, mas os professores de que Angola dispunha para a sua educação eram frutos da Educação Colonial).

Como já nos referimos anteriormente, a educação colonial não privilegiou o nativo angolano, ou seja, não existia uma educação para negros escravos. Com o alcance da Independência à 11 novembro de 1975, o novo governo teve como desafio definir, a partir de 1976, políticas concretas que pudessem permitir a correcção dos altos índices de analfabetismo apresentado pelo país, resultante da fraca infra-estrutura, bem como dos materiais de apoio ao ensino, herdado do colonialismo português.

Em vista destas situações, em 1977 se cria e aprova o *Plano Nacional de Acção para a Educação de Todos*, que visava fundamentalmente ampliar a oportunidade de acesso a educação fundamental sobretudo aos primeiros quatro anos de ensino que incluía a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classe” (AA.VV, 2014).

2.2.8. Organização do sistema educacional

Segundo Francisca do Espírito Santo citado por Alberto Ngulube (2010: 66), o sistema educacional desenvolvido na primeira reforma (1976), baseou-se fundamentalmente no aumento de oportunidades educativas, gratuitidade do ensino de base (da 1ª à 4ª classe), obrigatoriedade de frequentar o primeiro nível e o aperfeiçoamento pedagógico do seu corpo.

De acordo com o Decreto nº 40/80 de 14 de Maio, o sistema educacional em vigor desde 1978 constituía-se em subsistemas que compreendiam as seguintes etapas: Educação pré-escolar; Ensino Básico (de três níveis – o primeiro, da 1ª à 4ª classe; o segundo, da 5ª à 6ª classe; e o terceiro, da 7ª à 8ª classe); Ensino Médio (dividido em Técnico e Normal); Ensino Superior (que inclui o Bacharelado, até ao terceiro ano e a licenciatura até ao quarto ano ou quinto ano, dependendo do curso); Ensino e Alfabetização de Adultos.

Tabela 2 – Estrutura do ensino na primeira reforma (1978)

Educação	Ensino de Base	Ensino Médio ou	Ensino Superior
Pré-Escolar	(Regular, Adultos e Especial)	Pré-Universitário	
	1º nível – 1ª à 4ª classe	Médio Normal	

Creche	(Obrigatório)	(9ª à 12ª classe	=====
	2º nível – 5ª à 6ª classe	Médio Técnico	1º Nível (do 1º ao 3º ano)
Jardim de Infância	(formação profissional)	(9ª à 12ª classe)	Bacharelado
	3º nível – 7ª à 8ª classe	Pré-Universitário	2º Nível (do 4º ao 5º
Iniciação	(formação profissional) *	(9ª à 11ª classe)	ano)
			Licenciatura

Junto do ensino normal, segundo o terceiro nível, havia a formação profissional de (adultos e jovens), direccionado à aprendizagem de conhecimentos com aplicação prática ao trabalho (Vieira, 2007, p. 107).

3. O Insucesso Escolar em Angola

Angola é um país que só conquistou a paz definitiva em 2002. Por isso pode dizer-se que, durante muito tempo a educação em Angola vacilava pois não havia condições necessárias para se poder ter um ensino estável, e, por isso, o índice de analfabetismo é elevado. De facto, vemos ainda muitas crianças fora do sistema da educação, outras estão no sistema de ensino, mas nem todas chegam ao fim do ano lectivo e as que chegam nem todas aprovam de classe.

Após a retirada dos portugueses, como já vimos atrás, houve dificuldades no ensino porque havia poucos estabelecimentos de ensino e o número da população que queria estudar era enorme, visto que, nesta época o número de analfabetos rondava os 85% da população.

Assim, na pesquisa que realizamos colhemos os seguintes dados do Ministério da Educação:

“ Face ao fraco desempenho do sector da Educação em termos qualitativo e quantitativo, provocado por vários factores endógenos e exógenos, em 2001, é aprovada a Lei de Base do Sistema de Educação 2, a Lei 13/01, de 31 de dezembro, que estabelece as bases legais para a Realização da 2ª Reforma Educativa em Angola, cujos objectivos gerais são: A expansão da Rede Escolar; a melhoria da Qualidade de Ensino; o reforço da eficácia do Sistema de Educação e a Equidade do Sistema de Educação. Assim, de acordo com a estratégia de implementação do novo sistema de educação, a Fase de Generalização para o Subsistema do Ensino Geral, no Ensino Primário, termina no ano

lectivo de 2011 (6ª classe); no 1º Ciclo do Ensino Secundário terminou no ano lectivo de 2008 (9ª classe) e no 2º Ciclo do Ensino Secundário terminou no ano lectivo de 2008 (12ª classe). Para o Subsistema de Formação de Professores terminou no ano lectivo de 2009 (13ª classe). Por isso, deve ser evidenciado mais esforço na construção de novas salas de aulas e na manutenção das que existem para satisfazer a demanda demográfica estudantil do país” (Educação, 2016, p. 16).

O novo sistema de ensino em Angola, isto é, a segunda reforma se deu mesmo a partir de 2001, entretanto, esta reforma não está a funcionar muito bem sobretudo porque não houve uma preparação dos professores pois que, muitos professores não estão habilitados em lecionar muitas disciplinas.

A eficácia interna do Sistema de educação: comparando com o antigo Sistema de Educação, a implementação do Novo Sistema aumentou a taxa de promoção (aprovação) em todos os níveis de ensino, reduziu a taxa de repetência e de abandono, e melhorou a eficácia do Sistema de Ensino. Em termos práticos o rendimento escolar dos alunos na Fase de Experimentação foi superior ao da fase de Generalização do Novo Sistema de Educação. Este facto deve-se fundamentalmente porque, na fase de experimentação foram criadas as mínimas condições para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem (35 alunos por turma, selecção e formação dos professores, distribuição de material pedagógico, implementação da merenda escolar) (Santo, 2000).

Realmente, na fase de experimentação a nova reforma educativa em Angola foi um sucesso pois que, seguia-se as normas da reforma como por exemplo 35 alunos por turma o que possibilita um acompanhamento personalizado dos alunos. Agora isto já não se verifica pois que encontramos no ensino primário e até secundário turmas com mais de 60 alunos.

No Ensino Primário verificou-se uma diferença mais acentuada das taxas entre a Fase de Experimentação e a Fase de Generalização do Novo Sistema de Educação porque o universo de escolas na Fase de Generalização enfrentou inúmeras dificuldades (infra-estruturas degradadas, turmas superlotadas, professores com baixo nível académico e a maioria sem receber formação especializada dos novos materiais pedagógicos, dificuldades de distribuição dos manuais para os alunos e falta de recursos financeiros para o funcionamento das escolas primárias) “ (educação, 2016, p. 12).

Portanto, no nosso país em geral e no Huambo em particular notamos Insucesso Escolar não só no ensino primário, mas também no sistema geral da educação, o qual deve-se primeiramente às condições históricas. Mas como vimos atrás, na atualidade esse Insucesso parece dever-se sobretudo às condições sócio-institucionais. Como propusemos na Introdução, vamos, com base nessa teoria, reflectir sobre os Factores do Insucesso Escolar numa escola do Huambo.

CAPÍTULO II: PROBLEMÁTICA

1. Questão de Partida

O Insucesso Escolar é um assunto, que desde sempre preocupou os governos das nações. Visto que para um governo se organizar é preciso que a sua população esteja bem instruída e a instrução passa necessariamente pela Escola.

Ao depararmos com alunos que estão estagnados no Ensino Primário na Escola Árvore do Conhecimento Nº 84 e como consequências não conseguem transitar para o segundo ciclo muitas questões nos foram surgindo como estas:

- Quais os Factores que influenciam o Insucesso Escolar dos alunos da Escola Primária Árvore do Conhecimento do Nº 84?
- Que significados dão os professores da Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84 ao Insucesso Escolar?
- Como identificam os Factores do Insucesso Escolar e que estratégias propõem diante de tal realidade?
- Que poderá fazer o professor primário para transformar o ensino selectivo para alguns no ensino para todas as crianças?
- Que consequência traz o Insucesso Escolar no Ensino Primário para a sociedade?

Qualquer organização que queira pensar seriamente o seu futuro, deve estabelecer objectivos e desenvolver estratégias, envolvendo todos seus intervenientes, na prossecução desse mesmo futuro. Em primeiro lugar, precisa-se conhecer muito bem a si próprio, identificando os seus pontos fortes e fracos, desenvolvendo um projecto, nas áreas em que a melhoria é absolutamente necessária. Em segundo lugar, para obter esta caracterização de organização, torna-se essencial que a Escola se autoavalie (OP.EDU, 2013, p. 27).

A Escola de hoje exige uma avaliação permanente, como um meio regulador, criando e desenvolvendo processos de autoavaliação, que mais se adequem ao tipo de estabelecimento de ensino onde se enquadra, face as características da sua comunidade Escolar. A autoavaliação é um excelente instrumento de gestão que permite à direção obter dados que conduzem a uma reflexão/debate na Escola; proporciona aos jovens que a frequentam, um maior sucesso; propicia aos profissionais que nela exercem funções, tornarem-se melhores profissionais; contribuindo, assim, também para uma maior procura por parte das famílias, como Escola de eleição para os seus filhos, por acreditarem no trabalho desenvolvido naquele estabelecimento de ensino (OP.EDU, 2013, p. 27).

2. Objectivos do Estudo

Nesta dissertação sobre os Factores do Insucesso Escolar na Escola Primária Árvore do Conhecimento do Huambo, ano lectivo 2016/2017, seguimos o caminho da escuta: ouvimos o director, os professores e alunos da Escola em análise. Por isso, os nossos objectivos estão ligados aos sujeitos da pesquisa.

2.1.Objectivo Geral

O objectivo geral desta pesquisa é compreender os Factores do Insucesso Escolar no Ensino Primário na Escola Árvore do Conhecimento do Huambo e analisar os meios para os ultrapassar.

2.2. Objectivos específicos

A nossa pesquisa tem os seguintes objectivos específicos:

- Identificar os Factores do Insucesso Escolar na Escola Primária Árvore do Conhecimento do Huambo recorrendo às declarações do director, dos professores e dos alunos.
- Identificar as propostas do director, dos professores e dos alunos para a resolução do Insucesso Escolar no ensino primário na Escola Árvore do Conhecimento do Huambo.

Para atingirmos os objectivos fizemos um estudo de caso onde procuramos entabular diálogo com o director da escola, os professores e os alunos. Elaboramos também um questionário dirigido aos 48 professores da instituição e a 55 alunos da 6ª classe em representação dos 3348 alunos matriculados para descobrirmos os reais Factores do Insucesso Escolar na Escola Árvore do Conhecimento Nº 84, bem como procurar vias para sanar este problema.

Em síntese, a nossa pesquisa tem como pergunta de partida quais os Factores que influenciam o Insucesso Escolar dos alunos da escola primária Árvore do Conhecimento Nº 84? Os objectivos da problemática estão ligados aos sujeitos da pesquisa que é compreender por intermédio deles os Factores do Insucesso Escolar no ensino primário e identificar proposta para a resolução deste fenómeno. Para percebermos bem a abordagem, vamos apresentar a metodologia utilizada.

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

1. Tipo de Pesquisa

A nossa abordagem foi um Estudo de Caso. O Estudo de Caso consiste no exame detalhado e completo de um fenómeno ligado a uma entidade social. A entidade pode ser um indivíduo, um grupo, uma família, uma comunidade ou uma organização.

O estudo de caso não se confina à simples descrição de um caso reconhecido como sendo particular e único, tal como uma doença rara, pode também servir para verificar a eficácia de um tratamento e para formar hipótese na base dos resultados obtidos (Fortin, 2009, p. 241).

Se o estudo de caso incide sempre sobre um caso particular, examinando em profundidade, toda forma de generalização não é por isso excluída (Laville & Dionne, 1999, p. 156). Vamos estudar o Insucesso Escolar na Escola Árvore do Conhecimento Nº 84 procurando entender através dos professores e dos alunos o que está na base da reprovação de muitos alunos na instituição em análise.

Assim, nesta abordagem como tipo da pesquisa usamos o Estudo de Caso onde fizemos uma pesquisa qualitativa, pois que, é descritiva. Recorremos também aos elementos quantitativos porque procuramos elaborar um inquérito a todos os professores e outro a 55 alunos em representação dos 3348 alunos da instituição e ainda procuramos ouvir dois professores sobre a temática do Insucesso Escolar no Ensino Primário na Escola Árvore do Conhecimento do Huambo um da 6ª classe e outro da 1ª classe, bem como ouvimos também o director da Escola.

2. Sujeitos

Os sujeitos da pesquisa são o Director, os Professores e os alunos da Escola Primária Árvore do Conhecimento do Huambo Nº 84. Realizamos vários encontros com os sujeitos da nossa pesquisa. Fomos a instituição em 2016 várias vezes saber como esta organizada a escola e em 2017 intensificamos as visitas o que nos possibilitou conhecer o normal funcionamento da instituição.

O encontro com alguns professores foi feito directamente através da entrevista, isto é, entrevistamos dois professores um que apresenta menos Insucesso e outro que apresenta mais Insucesso, entrevistamos também o director da Escola, e com os outros indirectamente através do inquérito por questionário onde distribuímos 48 questionários a 48 professores, também entregamos 55 questionários a 55 alunos da 6ª classe em representação dos 3348 alunos. Nos encontros apresentamos o objectivo deste estudo e

procuramos entender o que é que os sujeitos da pesquisa entendem sobre a temática do Insucesso Escolar no ensino primário.

3. Técnicas e Instrumentos de recolha de dados

Para se colher informação a propósito de fenómenos humanos, o pesquisador pode, segundo a natureza do fenómeno e das suas preocupações de pesquisa, ou consultar documentos sobre a questão, ou encontrar essas informações observando, o próprio fenómeno, ou ainda interrogando pessoas que o conhecem (Laville & Dionne, 1999, p. 176).

Assim, na nossa investigação como Técnicas e Instrumentos de recolha de dados usamos a observação, o questionário e a entrevista feita aos sujeitos da nossa pesquisa sobre a temática do Insucesso Escolar.

2.1. Observação

A observação revela-se certamente nosso modo de contacto com o real: é observando que nos situamos, orientamos nosso deslocamento, reconhecemos as pessoas, emitimos juízos sobre elas (Laville & Dionne, 1999, p. 176).

Na nossa pesquisa procuramos observar o modo de dar aulas dos professores, a relação dos professores com os alunos e os encarregados de educação. Este exercício nos possibilitou verificar que nem todos os professores dão bem as aulas, visto que, muitos deles não tiveram uma formação pedagógica; muitos professores têm dificuldades em lecionar todas as cadeiras do ensino primário; nem todos os alunos têm todo o material escolar, porque muitos dos alunos provêm de famílias pobres; nem todas as salas estão equipadas, muitos alunos estudam ao ar livre, isto é, no pátio da escola.

2.2. Testemunhos

Além da observação dos fenómenos, uma outra maneira reconhecida e comprovada, própria das ciências humanas, de obter informação consiste em colher os depoimentos de pessoas que detêm essa informação (Laville & Dionne, 1999, p. 184).

Nesta nossa pesquisa como testemunhos temos o director, os 48 professores, os 55 alunos da 6ª classe em representação dos 3348 alunos da instituição que nos passaram esta informação do Insucesso Escolar por meio do questionário e a entrevista.

2.2.1. Questionário

As técnicas e os instrumentos que apelam para os testemunhos são próprios das ciências humanas (Laville & Dionne, 1999, p. 183). Para esta investigação optou-se em utilizar o inquérito por questionário (anexo 2) como instrumento de recolha de dados, que foi aplicado aos 48 professores e aos 55 alunos da 6ª classe da Escola Primária Árvore do Conhecimento N° 48 em representação dos 3348 alunos da instituição em análise.

2.2.2. Entrevista

Para a recolha de dados recorreu-se também à entrevista semi-estruturada, aplicada a dois professores um com menos Insucesso Escolar e outro com mais Insucesso Escolar bem como ao director da Escola.

Relativamente às técnicas para o tratamento estatístico dos dados utilizou-se os *softwares*: Microsoft Excel e o SPSS versão 20. As fontes onde saíram os dados a serem processados serão: fonte primária de dados que são as ferramentas próprias desenhadas e aplicadas, assim como as fontes secundárias de dados, que darão dados tirados da revisão documental.

Tendo em conta a tipologia da pesquisa, associada aos objectivos propostos para a execução da mesma escolhemos alguns instrumentos que nos serviram de suporte para a coleta dos dados pesquisados. São eles a observação, o questionário, a entrevista e o diário de bordo.

4. Procedimentos

O objectivo desta dissertação é responder à questão de partida. Para tal tivemos um percurso árduo para acharmos as respostas da pergunta de partida. Utilizamos uma metodologia qualitativa, pois que, foi uma descrição, mas apesar disso recorremos também a metodologia quantitativa, visto que, usámos um questionário.

Encontramos um bom número de professores que frequentaram uma Escola de Formação de Professores, por isso, estão capacitados de conhecimentos e dominam as técnicas para ministrar as aulas com rigor. Em contrapartida, encontramos alguns professores que têm dificuldades em lecionar sobretudo porque estão formados noutras áreas do saber.

Verificamos que a Escola é composta de alunos com nível social muito diferente, isto é, alguns vêm de famílias de nível económico razoável, onde o pai e a mãe ou simplesmente um dos membros da família tem um emprego digno e outros vêm de famílias pobres, isto é, famílias onde os pais não têm um emprego estável.

Elaboramos um questionário fechado a todos os professores da instituição, isto é, os 48 e ainda questionamos como amostra 55 alunos da 6ª classe em representação dos 3348 alunos da instituição.

Entrevistamos dois professores um que apresenta pouco Insucesso Escolar e o outro que apresenta mais Insucesso Escolar bem como fizemos uma entrevista ao director da Escola (Anexo D e E). Ao longo da nossa pesquisa trabalhamos com uma caderneta o que nos possibilitou fazer algumas anotações atinentes ao tema.

Portanto, fizemos muitas visitas a Escola, o que nos permitiu observar o modo de leccionar dos professores bem como analisar a relação existente entre o professor, o aluno e os encarregados de educação, verificámos também o modo de escrever, ler, falar e contar dos alunos. A nossa análise baseou-se sobretudo no ano lectivo de 2016/2017, mas para percebermos melhor a temática analisamos também o ano de 2015. Apresentaremos em resumo estas análises.

Análise dos indicadores de rendimento escolar no ano lectivo de 2015, 2016 e 2017 da Escola Árvore do Conhecimento Nº 84 em forma de tabelas.

Tabela 3. FICHA DE APROVEITAMENTO POR CLASSE DO ANO LECTIVO DE 2015.

Alunos	Matriculados		Aprovados		Reprovados		Transferidos		Desistidos	
Classe	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F
INICIAÇÃO	367	152	367	152	0	0	—	—	0	0
1 ^a	472	233	372	233	100	0	—	—	0	0
2 ^a	500	290	350	187	150	103	—	—	0	0
3 ^a	547	295	322	280	210	0	—	—	15	15
4 ^a	573	324	367	232	206	92	—	—	0	0
5 ^a	395	200	199	145	196	55	—	—	0	0
6 ^a	480	241	200	150	197	72	—	—	83	19
TOTAL	3334	1735	2177	1379	1059	322	—	—	98	34

Tabela 4. FICHA DE APROVEITAMENTO POR CLASSE DO ANO LECTIVO DE 2016

Alunos	Matriculados		Aprovados		Reprovados		Transferidos		Desistidos	
Classe	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F
INICIAÇÃO	370	152	367	152	0	0	—	—	3	0
1 ^a	476	233	272	211	120	20	2	2	0	0
2 ^a	500	290	313	237	187	53	—	—	0	0
3 ^a	548	295	248	150	300	145	—	—	0	0
4 ^a	577	324	347	224	230	100	—	—	0	0
5 ^a	398	199	285	145	113	54	—	—	0	0
6 ^a	480	295	288	175	192	110	10	10	0	0
TOTAL	3349	1788	2220	1295	1142	482	12	12	3	0

Tabela 5. FICHA DE APROVEITAMENTO POR CLASSE DO ANO LECTIVO DE 2017

Alunos Classe	Matriculados		Aprovados		Reprovados		Transferidos		Desistidos	
	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F	MF	F
INICIAÇÃO	372	152	372	152	0	0	—	—	0	0
1ª	472	233	370	200	100	32	—	—	2	1
2ª	507	275	297	197	200	71	—	—	10	7
3ª	546	295	339	183	183	100	—	—	24	12
4ª	573	314	425	300	148	14	—	—	0	0
5ª	396	219	277	116	119	103	—	—	0	0
6ª	482	241	300	125	89	75	—	—	93	41
TOTAL	3348	1729	2380	1273	839	395	—	—	129	54

Os dados estatísticos nos revelaram que em 2015 foram matriculados 3334 alunos e destes 1735 são género feminino, aprovaram 2177 alunos e destes 1379 são do género feminino, reprovaram 1059 alunos e destes 322 são do género feminino. Não houve transferências. Desistiram 98 e destes 34 são do género feminino.

Ao passo que, em 2016 os dados estatísticos nos revelaram que foram matriculados 3349 alunos e destes 1788 são do género feminino, aprovaram 2220 alunos e destes 1295 são do género feminino, reprovaram 1142 alunos e destes 482 são do género feminino. Houve duas transferências de duas meninas. Desistiram 3 rapazes.

Já em 2017 os dados estatísticos nos revelaram que foram matriculados 3348 alunos e destes 1729 são do género feminino, aprovaram 2380 alunos e destes 1273 são do género feminino, reprovaram 839 alunos e destes 395 são do género feminino. Não houve transferência. Desistiram 129 alunos e destes 54 são do género feminino.

Em resumo, nesta temática do Insucesso Escolar no Ensino Primário na Escola Árvore do conhecimento N° 84, como tipo de pesquisa usamos o Estudo de Caso. Os sujeitos da pesquisa foram o director, os professores e os alunos da Escola em análise. Como técnicas e instrumentos de dados utilizamos a observação, o questionário, a entrevista e o diário. Apresentamos as fichas de aproveitamento escolar dos anos lectivos de 2015, 2016 e 2017 que confirmaram o Insucesso Escolar na Escola em análise. Abordada que está a questão da metodologia, vamos prosseguir a nossa reflexão com a apresentação e a análise de dados.

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO / ANÁLISE DOS DADOS

1. Caracterização da Escola

A nossa pesquisa sobre os Factores do Insucesso Escolar foi feita na Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84, localizada na Província do Huambo. A Escola Árvore do Conhecimento Nº 84 foi concebida em sede do Decreto executivo nº 4888/09 de 21 de novembro, ocupa uma área total 4.500² e desta área 1.285,70m² foram ocupados por construção. Trata-se de um edifício de construção definitiva com 14 salas de aulas, casas de banho para alunos discriminadas em Masculinos e Femininos totalizando 8, sala de professores (incluindo casas de banho para homens e mulheres totalizando 2), sala do Director incluindo um WC, zona aberta, asseguração das estruturas por guardas.

O número de alunos varia a cada ano conforme a afluência da população, assim, para o ano lectivo de 2017, a Escola matriculou 3348 alunos e destes 1729 são do género feminino. Do total de alunos matriculados, 4 são deficientes, 1 aluno cadeirante. A Escola foi concebida para atender todas as sensibilidades da sociedade, tanto mais que foram construídas rampas para locomoção de deficientes físicos. Os WCs estão habilitados para atender os alunos do género feminino em caso de incidentes com menstruação.

Os alunos estão misturados uns provém de famílias com dificuldades económicas, isto é, famílias que não têm um rendimento mensal económico estabilizado, outros provém de famílias da classe média. As turmas são compostas geralmente por 65 ou 70 alunos.

A Escola está organizada da seguinte maneira: tem um Director, um Subdirector pedagógico; um Subdirector Administrativo e uma Secretaria.

No seu todo a Escola conta com 48 professores e destes 31 são do género feminino. A Escola não tem professor de apoio, por isso, quando um professor está doente ou encontra outros impedimentos os alunos juntam-se noutras salas, o que causa muita confusão ou ficam as vezes sem aulas. Os professores trabalham em equipa através das planificações duas vezes em cada mês.

Portanto, a escola oferece boas condições de trabalho, tirando as turmas ao ar livre que não oferece conforto nem ao professor como o facilitador do processo de ensino e aprendizagem nem ao aluno como o centro deste processo.

2. Caracterização dos alunos, professores e do director inquiridos

2.1. Os alunos

Para o trabalho ser completo fizemos um questionário a 55 alunos da 6ª classe num total de 3348 (Anexo A). O critério de seleção dos alunos consistiu na escolha de 5 melhores alunos em cada turma da 6ª classe em representação de todos os alunos da instituição em análise dos quais 33 são meninas. A média dos alunos inquiridos é de 10 anos. Maior parte dos inquiridos vive nos bairros. Provém de famílias humildes, uma boa parte dos pais não trabalham na função pública, tem um trabalho com um rendimento não muito aceitável.

Encontramos famílias que não trabalham, vivem da generosidade de outras pessoas. Uma boa parte dos encarregados não tem o ensino médio e encontramos também encarregados de educação que não têm nenhum nível de escolaridade.

Por conseguinte, os alunos estão misturados uns vêm de famílias estáveis economicamente, outros vêm de famílias com um rendimento económico médio e outros vêm de famílias pobres.

2.2. Os Professores

A Escola em análise é composta por 48 professores entre os quais 31 professoras, o professor mais velho tem 55 anos e o mais novo tem 24 anos, a média é de 36 anos. No universo dos 48 professores 30 frequentaram o ensino médio, 9 são bacharéis, 8 licenciados e 1 mestre. O funcionário mais antigo tem 26 anos de serviço e o mais novo tem apenas um ano de serviço. Há uma boa relação de amizade entre os colegas.

No universo dos 48 professores da instituição encontramos 28 professores que frequentaram uma escola de formação de professores e os 20 professores foram formados em outras instituições, por isso, notamos uma certa discrepância no modo de leccionar destes dois grupos, uns dão melhor as aulas em relação aos outros. Ainda notamos que nem todos os professores têm qualidades para leccionar mais de uma disciplina no ensino primário.

2.3. Director

O director da Escola em análise tem 65 anos de idade, é técnico médio na área da educação. Ocupa este cargo já há 15 anos. É funcionário público já há 20 anos. Tem boa relação com os professores.

2. 4. Funcionamento

A escola Árvore do Conhecimento do Huambo Nº 84 funciona em dois períodos, isto é, manhã e tarde. No período da manhã o horário vai das 7 horas e 30 minutos as 12 horas e 30 minutos, entretanto, a iniciação e a 1ª classe vão das 7h e 30 minutos as 10 horas. No período da tarde está simplesmente a 5ª e a 6ª classe.

Em cada mês os professores se reúnem duas vezes aos sábados para fazerem a planificação quinzenal o que possibilita os alunos terem a mesma matéria.

3. Apresentação dos dados referentes aos alunos

3.1. Descrição dos participantes

Análise das variáveis do inquérito respondido pelos alunos (Anexo A)

A tabela 6 ilustra que a pessoa mais jovem entre os alunos tem 10 anos e o maior tem 13 anos para uma idade média de 11 anos.

Tabela 6. Idade média dos alunos inquiridos

	Válidos	
	48	
Média	10,53	
Mínimo	10	
Máximo	13	

Fonte: O Autor processando os dados com SPSS.

Na tabela 7. podemos ver que entre os alunos inqueridos, 60% são mulheres 40% homens

Tabela 7. Frequência por sexo dos alunos.

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Homem	22	40,0	40,0	40,0
	Mulher	33	60,0	60,0	100,0
	Total	55	100,0	100,0	

Fonte: O Autor processando os dados com SPS.

3.2. Questionário elaborado aos 55 alunos em representação dos 3348 alunos da instituição em análise

1- Estás satisfeito em estudar nesta Escola?

52 alunos representando 94,5% dos inqueridos dizem que estão satisfeitos por estudar nesta Escola e 3 alunos que representam 5,5% dos inqueridos dizem não estarem satisfeitos por estudar nesta Escola.

2- Vives distante da Escola?

87,3% dos alunos vivem distante da Escola e que só 12,7% dos mesmos alunos vivem próximo da Escola.

3- A escola oferece boas condições de estudo?

69,1% dos inqueridos dizem que a Escola oferece boas condições de estudo e 30,9% respondeu o contrário.

4- A direção da escola tem organizado reuniões para partilhar conhecimentos a fim de superar o Insucesso Escolar dos alunos?

69,1% dos alunos inquiridos responderam que a direção da Escola tem organizado reuniões para partilhar conhecimentos a fim de superar o Insucesso Escolar dos alunos e 30,9% afirmaram que a Escola não tem organizado reuniões do género.

5- Os teus pais te prestam todo apoio ao estudo?

94,5% da amostra respondeu sim a questão “os pais te prestam todo apoio ao estudo?” e 5,5% respondeu o contrário.

6- Os alunos menos inteligentes fracassam em todas as disciplinas ou só em algumas?

7,3% da amostra respondeu que os alunos mais frágeis fracassam em todas as disciplinas e que 92,7% respondeu que fracassam em algumas disciplinas.

7- Em quem recai a maior dose de culpa deste Insucesso dos alunos?

60% dos alunos inquiridos dizem que a culpa do Insucesso Escolar recai maior parte a eles, ou seja, aos próprios alunos e que a restante culpa do Insucesso Escolar recai aos encarregados de educação e aos professores.

8- Qual o motivo do Insucesso Escolar no ensino primário?

30,9% da amostra diz que o motivo do Insucesso Escolar no ensino primário deve-se ao número elevado dos alunos nas salas de aulas, também 25,5% da amostra diz que a dificuldade económica dos pais é motivo suficiente para o Insucesso Escolar no ensino primário.

9- Se tivesses o poder de mudar na sua Escola o que seria mais urgente?

25,5% da amostra respondeu que se tivesse o poder de mudar alguma coisa na Escola seria aumentar mais turmas a fim de acabar com as salas ao ar livre e 27,3% respondeu que se tivesse o poder de mudar alguma coisa na Escola seria então criar mais condições de recreação para os alunos.

A pesquisa feita nos fez entender que existe uma diferença de aproveitamento escolar entre os alunos que estudam nas salas de aulas e os que estudam ao ar livre. Os que estão na sala de aulas estão mais concentrados e acomodados ao passo que os alunos que se encontram ao ar livre têm dificuldades de se acomodar e ficam distraídos pelos movimentos das pessoas e dos veículos.

Anotei na minha caderneta aquando das visitas realizadas na escola em análise que os alunos leem sem dificuldades, escrevem e conseguem resolver as contas. Deduzo que com um pouco mais de empenho de todos os implicados no processo de ensino e aprendizagem será possível os nossos alunos terem um pouco mais de aproveitamento escolar.

3.3. Analisando as variáveis do inquérito respondido pelos professores (Anexo B)

Podemos ver na tabela 17 que o funcionário mais velho tem 55 anos e que o mais novo tem 24 anos.

Tabela 8. Idade média dos professores inquiridos

	Válidos	48
Casos	Perdidos	0
Media		36,50
Mínimo		24

Fonte: O Autor processando os dados com SPSS

Dos professores inqueridos, 64,6% são mulheres e 35,4% são homens. Indicando um predomínio da força laboral masculina na instituição. Ver dados da tabela 18.

Tabela 9. Frequência por sexo dos professores

		Frequência	Percentual	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Homem	17	35,4	35,4	35,4
	Mulher	31	64,6	64,6	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Fonte: O Autor processando os dados com SPSS

Podemos ver na tabela 19 que mais de 50% dos professores são técnicos médios, isto é, concluíram o ensino médio.

Tabela 10. Nível de escolaridade dos professores

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Técnico	30	62,5	62,5	62,5
	Médio				
	Bacharel	9	18,8	18,8	81,3
	Licenciado	8	16,7	16,7	97,9
	Mestre	1	2,1	2,1	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Fonte: O Autor processando os dados com SPSS.

Também podemos verificar na tabela 20 que o funcionário mais antigo tem 26 anos de serviço.

Tabela 11. Tempo de serviço

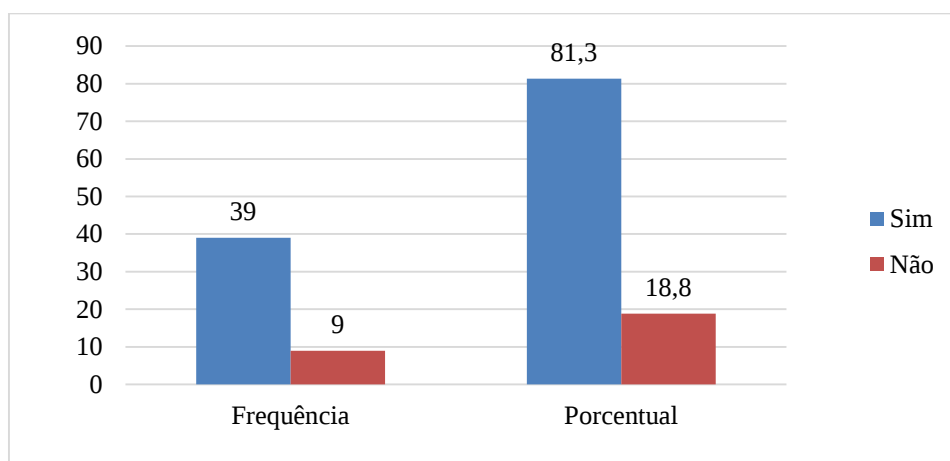
	Válido	48
Casos	Ausente	0
Média		12,15
Mínimo		1
Máximo		26

Fonte: O Autor processando os dados com SPSS.

Representação de dados vindo dos professores por gráficos (Anexo C)

No gráfico 1 ilustra-se a análise da variável X1. Como podemos ver 81,3% dos professores dizem estar satisfeito em trabalhar nesta escola.

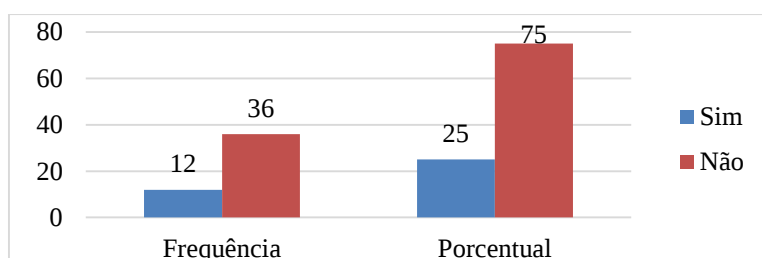
Gráfico 1. X1: Estás satisfeito em trabalhar nesta escola?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela que no anexo B contém a análise de frequência correspondente à variável X1. Satisfação.

No gráfico 2 ilustra-se a análise da variável X2, Dificuldade de trabalhar. Como pode ver-se 75% dos professores dizem não sentir dificuldades em trabalhar nesta escola.

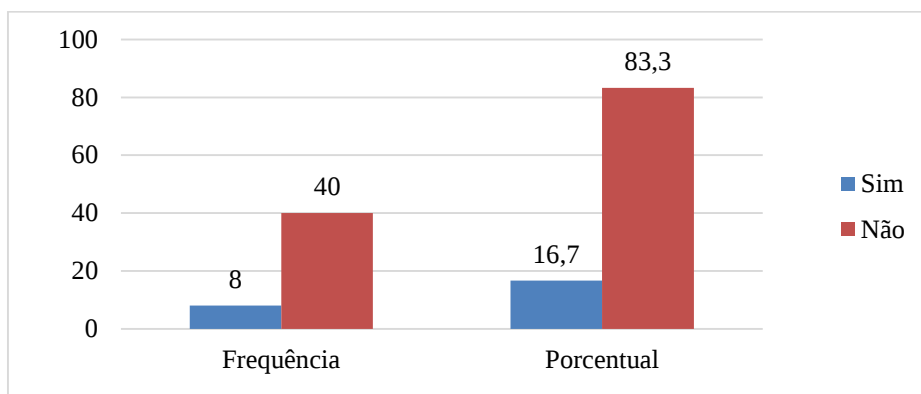
Gráfico 2. X2: Sentes dificuldades em trabalhar nesta escola?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela que contém no anexo B a análise de frequência correspondente à variável X2.

No gráfico 3 ilustra-se a análise da variável X3, Satisfação com o salário. Como podemos ver 83,3% dos professores dizem não estarem contentes com o salário que recebe.

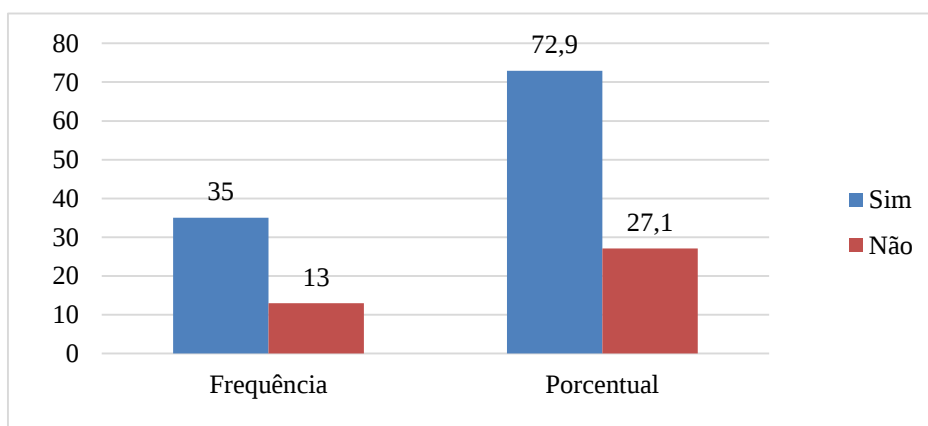
Gráfico 3. X3: Estás contente com o salário que recibes?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela que contem no anexo B a análise de frequência correspondente à variável X3.

No gráfico 4 ilustra-se a análise da variável X4, Boas condições da escola. Como pode ver-se 72,9% dos inqueridos dizem que a escola oferece boas condições para trabalhar.

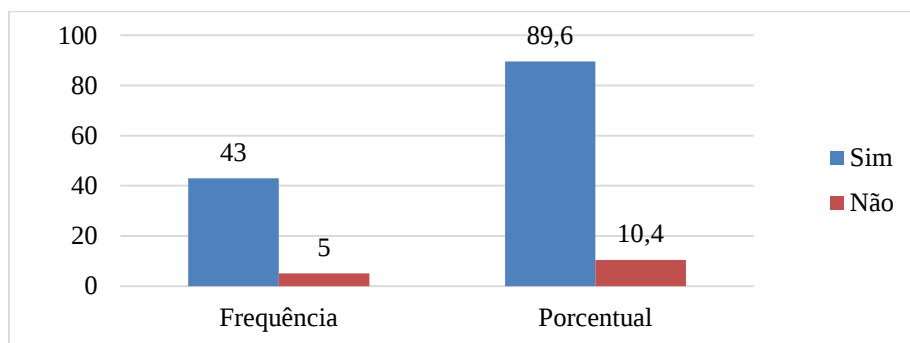
Gráfico 4. X4: A escola oferece boas condições para o trabalho?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela que no anexo B contem a análise de frequência correspondente à variável X4, Boas condições da escola.

No gráfico 5 ilustra-se a análise da variável X5. Como se pode observar no gráfico 89,6% dos inqueridos dizem que a direção da escola tem organizado reuniões para partilhar conhecimentos a fim de superar o Insucesso Escolar dos alunos.

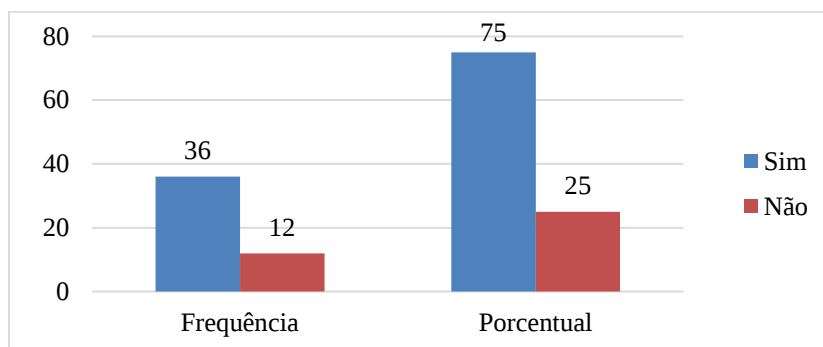
Gráfico 5. X5: A direcção da escola tem organizado reuniões para partilhar conhecimentos a fim de superar o Insucesso Escolar dos alunos?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela que no anexo B contem a análise de frequência correspondente à variável X5, Reuniões sobre o insucesso.

No gráfico 6 ilustra-se a análise da variável X6. Como pode ver-se 75% dos professores têm tido relação com os parentes dos seus alunos.

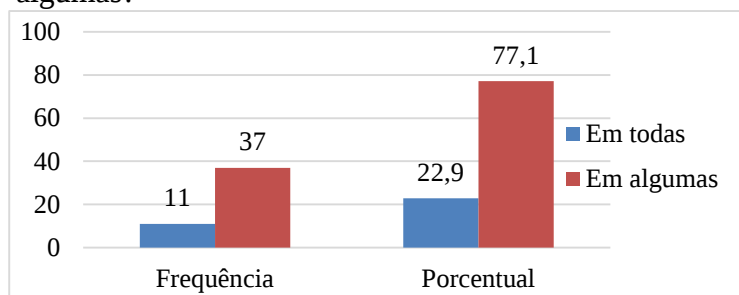
Gráfico 6. X6: Tens tido relação com os parentes dos teus alunos?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela que no anexo B contem a análise de frequência correspondente à variável X6, Relações com parentes de alunos.

No gráfico 7 ilustra-se a análise da variável X7. Como pode ver-se 77,1% dos inqueridos dizem que os alunos menos inteligentes fracassam em algumas disciplinas.

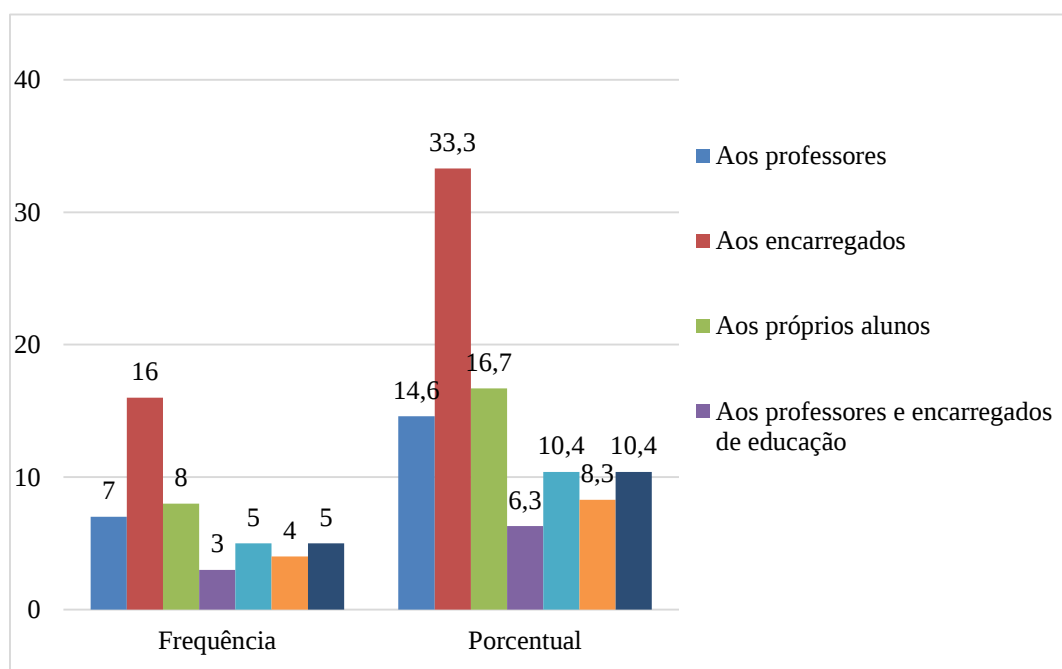
Gráfico 7. X7: Os alunos mais frágeis fracassam em todas as disciplinas ou só em algumas?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela que no anexo B contem a análise de frequência correspondente à variável X7, Insucesso dos alunos mais frágeis.

Como se pode ver no gráfico 8 que ilustra a análise da variável X8, 33,3% dizem que a maior dose de culpa do Insucesso dos alunos recai aos encarregados de educação.

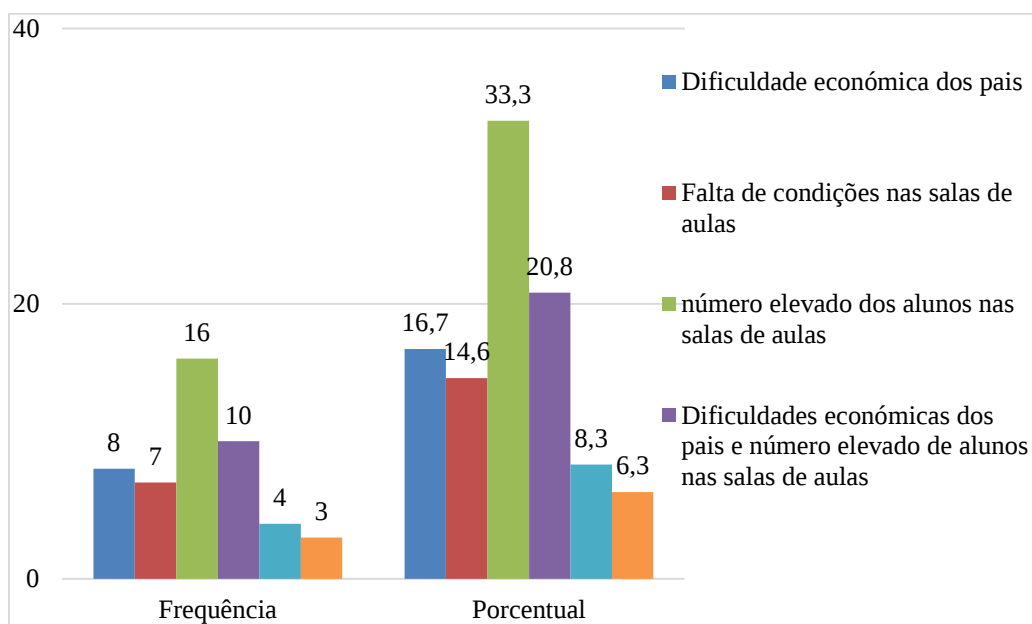
Gráfico 8. X8: Em quem recai a maior dose de culpa deste Insucesso dos alunos?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela do Anexo B que contem a análise de frequência correspondente à variável X8, A maior responsabilidade no insucesso.

Como se pode ver no gráfico 9 que ilustra a análise da variável X9, 33,3% dos professores dizem que o motivo do Insucesso Escolar dos seus alunos está no número elevado de alunos na sala de aulas.

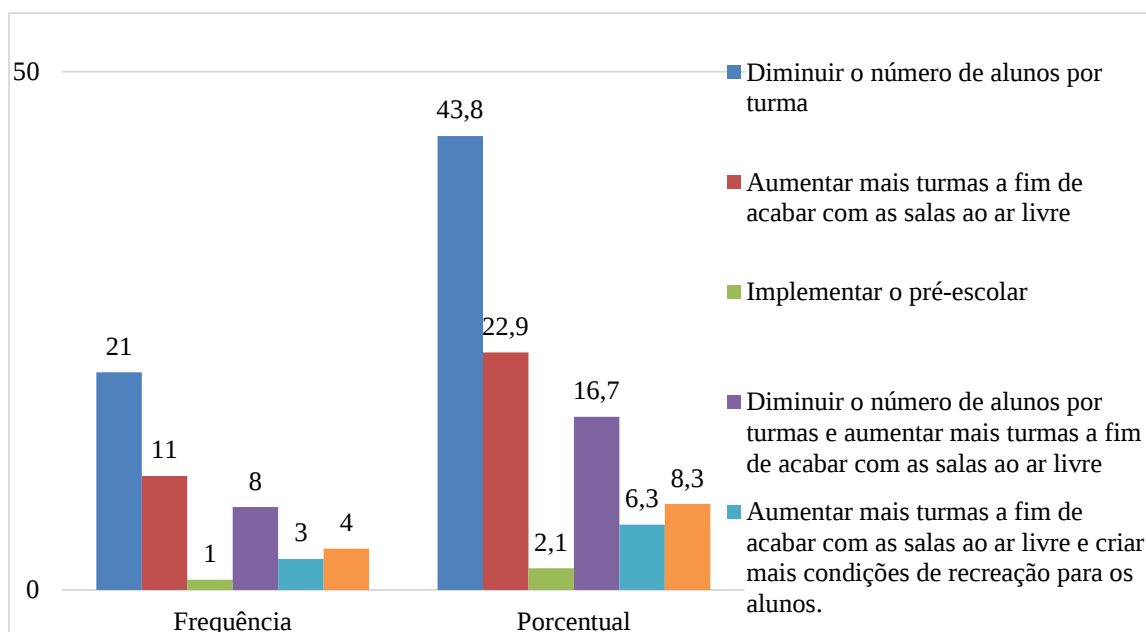
Gráfico 9. X9: Qual o motivo do Insucesso Escolar dos teus alunos?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela que no anexo B contém a análise de frequência correspondente à variável X9, elevado número de alunos como causa.

Finalmente no gráfico 10 que ilustra a análise da variável X10, 43,8% dos professores dizem que, se tivessem poder, diminuiriam o número de alunos por turma na sua escola em que trabalham.

Gráfico 10. X10: Se tivesses o poder de mudar na sua escola o que seria mais urgente?



Fonte: O autor partindo dos dados da tabela que no anexo B contém a análise de frequência correspondente à variável X10, Menor número de alunos condição de sucesso.

3.4. Análise de conteúdo da entrevista

Para entendermos melhor a problemática do Insucesso Escolar no ensino Primário procuramos fazer não só um questionário, mas fizemos também a entrevista a dois professores bem como ao director da instituição. Apresentaremos a análise deste conteúdo.

1. O que entende por Insucesso Escolar?

Os nossos entrevistados sobre o que é o Insucesso Escolar cada um tem um parecer, mas têm como ponto de convergência a não assimilação da matéria. De facto, verificasse Insucesso Escolar quando o aluno não passa de classe.

2. Como professor, o que fazes de especial para que os alunos com dificuldades de aprendizagem superem o seu estado de baixo rendimento escolar?

Vimos que os nossos entrevistados cada um tem uma boa visão sobre o assunto. É preciso ver a esfera do aluno, isto é, ver a sua proveniência e as suas dificuldades.

3. Como avalias a sua relação com os parentes de seus alunos?

Os nossos entrevistados revelam-nos que é importante que haja no processo de ensino aprendizagem sintonia entre todos os participantes neste processo e colocar o aluno no centro do mesmo.

4. Em tuas palavras qual o motivo do Insucesso Escolar dos teus alunos?

Muitos são os motivos do Insucesso escolar entre os quais destacasse o abano, o número elevado de alunos por turmas e as salas ao ar livre.

5. Ainda em suas palavras a quem recai a maior dose de culpa deste Insucesso dos alunos?

Podemos entender que o processo de ensino e aprendizagem é complexo, por isso, os culpados do Insucesso Escolar não são só os alunos, mas todos os que entram neste processo pois que a partida uma criança normal tem de assimilar a matéria.

6. Achas que o factor económico está na base do Insucesso Escolar?

O factor económico é importante no processo de ensino aprendizagem, mas não é o único factor.

7. Porque é que os alunos pobres apresentam mais Insucesso Escolar em relação aos alunos de pais bem-sucedidos?

Esta questão revela-nos que nem sempre o Insucesso Escolar é devido a causa da pobreza. Mas as boas condições ajudam os alunos a assimilarem bem as matérias.

8. Quais são as estratégias que podemos utilizar para acabar com o Insucesso Escolar no ensino primário?

Para se estancar ou pelo menos atenuar o Insucesso Escolar é preciso que os professores tenham uma formação integral, que se construa mais escolas afim de se acabar com as aulas ao livre, gratificar bem os professores assim afirmaram os nossos entrevistados.

9. Aponte as consequências que traz o Insucesso Escolar no ensino primário?

O Insucesso Escolar traz muitas consequências entre as quais os nossos entrevistados sublinharam a desintegração da sociedade e a frustração por parte dos alunos.

10. Estais alegres com o salário que recibes mensalmente?

Os nossos entrevistados responderam que não estão satisfeitos com o salário que recebem. De facto, o salário para o ensino primário chega só para comer e não dá para fazer mais outra coisa a não ser que o próprio professor faça um jejum para conseguir outras coisas.

11. Se tivesses o poder para acabar com o Insucesso Escolar o que é que seria mais prioritário: diminuir os alunos em salas de aulas, aumentar mais salas de aulas ou gratificar bem os professores?

Aumentar mais salas de aulas com o objectivo de se ter poucos alunos por turmas e assim possibilitar um acompanhamento personalizado dos alunos e acabar com as salas de aulas pode ser uma saída para se acabar ou atenuar com o fenómeno do Insucesso Escolar assim afirmaram os nossos entrevistados.

Fazendo uma comparação entre os dois professores (Anexo D) podemos dizer que a diferença está clara visto que, o professor Amparo, segundo as suas declarações, dá aulas com muita atenção, perícia e faz tudo com amor e prazer, não se preocupa tanto com o salário que é pouco e procura manter sempre que possível encontro com os encarregados de educação e está próximo de todos os alunos, mormente daqueles que têm dificuldades em assimilar.

O professor Paulino que é o segundo entrevistado (Anexo D) se preocupa com o salário, dá aulas nervoso, quem aprendeu, aprendeu, quem não aprendeu não é da conta dele, não realiza reuniões regulares com os encarregados de educação. Assim, é justo o professor Amparo apresentar menos Insucesso Escolar em relação ao professor Paulino, pois que ele, dá melhor as aulas e é atenciosa com os seus alunos.

O director usando da palavra no momento da entrevista (Anexo E) revelou que um dos motivos do Insucesso Escolar é a pobreza. Quando o aluno não tem condições para estudar bem isto toca não só a família, mas também o próprio estado que não oferece transportes escolares. O aluno chega sempre cansado por fazer longas caminhadas. A família joga um papel importante, quando a família está desestruturada isto afecta o aluno na escola; O aluno quando não colabora no processo de ensino e aprendizagem se entrega a outras práticas.

4. Discussão dos dados apresentados

«A Educação é um assunto de todos». Esta perícopes da UNESCO significa que o diálogo político constitui um eixo cada vez mais importante para a gestão e para o desenvolvimento do sistema educativo. A UNESCO está preocupada com a implementação do Ensino em todas as nações.

Benavente afirma que, deve-se buscar os Factores do Insucesso Escolar não apenas na relação negativa entre a expectativa da criança e a cultura dominante da Escola, mas também nos conhecimentos que tem- que a Escola não valoriza e - afastamento da cultura escolar, por isso, fala-se de pedagogia diferenciada. Um modo de ensinar que implica outros modos de formar professores.

Abordar a questão do Insucesso Escolar é um assunto muito delicado e sério. Delicado porque tem a ver com o homem. Sério porque exige a participação de muitas personalidades, a começar mesmo pelo próprio aluno, a família, o professor, a escola e o estado.

Realmente, fala-se de Insucesso Escolar quando o aluno não consegue transitar de classe, isto é, não consegue reter as matérias. Na escola em análise verificamos Insucesso Escolar, por isso, nos lançamos a pesquisa para sabermos quais os reais factores deste tema.

Nas respostas obtidas aos inquiridos por questionário bem como aos entrevistados, anotamos que os principais Factores do Insucesso Escolar mencionados foram o número elevado de alunos nas salas de aulas; falta de condições nas salas e dificuldades económicas dos pais, as aulas ao ar livre.

No que diz respeito à prevenção do Insucesso Escolar os educadores afirmaram de viva voz que é urgente aumentar mais turmas e mais professores a fim de se acabar com as

aulas ao ar livre, para os alunos terem um acompanhamento personalizado; criar mais condições de recreação aos alunos; implementar a merenda escolar; acabar com a monodocência nas 5ª e 6ª classe já que muitos professores não conseguem dominar todas as disciplinas.

Angola desde a independência conheceu duas reformas. A primeira é a reforma educativa de 1978 que se regeu pelo prisma de estado nação e de escolarização de massas à luz dos princípios do marxismo-leninismo, revelando uma das expressões do ‘estado educador’. A segunda é a reforma educativa de 2001 implementada em 2004.

Segundo Perrenoud as reformas de estrutura de programas são legítimas, no entanto, só dão frutos se acompanhadas de boas práticas. O autor menciona também que a mudança é quase sempre pensada para um corpo de professores que ainda não existe. Deste modo, afirma o autor:

«Os professores de hoje na sua grande maioria, não estão dispostos, nem preparados para praticar uma pedagogia activa e diferenciada- envolver os alunos nos projectos, conduzir uma avaliação formativa e trabalhar em equipa. Por isso, é importante repensar a natureza das formações iniciais para tornar o processo de reforma possível e ambicioso; fazendo da formação continuada um vector de profissionalização, introduzindo dispositivos concretos de coordenação das inovações e das formações sem se basear num conjunto de pontos de vista e calendários; ou seja, fazer com que esta formação se dirijam cada vez, mais a um corpo docente que existe» (Perrenoud, 1999, p. 11).

É de salientar que, no nosso contexto, a reforma educativa está a contribuir para muitos alunos terem Insucesso Escolar pois que, nem todos os professores estão preparados para assumir este processo já que implica dominar muitos saberes, ainda esta reforma enfraquece-se, pois, que, nem todos os professores tem agregação pedagógica o que é fundamental para a reforma educativa.

A Reforma educativa não teve sucesso em Angola porque não houve uma prévia preparação do Ministério da Educação em Angola. A Reforma para ter sucesso tem de

haver sala de aulas com poucos alunos o que permite um acompanhamento personalizado. Isto, não acontece na Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84 e no país em geral já que o número de alunos por turmas é elevado. Exemplo 70 alunos na iniciação e ao ar livre numa só turma.

Um outro erro que marca o Insucesso Escolar é que, aquando da independência em 1975, o governo angolano cometeu o erro de abandonar o sistema de ensino europeu. No período entre 1975 a 2001, o sistema educativo é caracterizado essencialmente pela massificação do ensino (Santo, 2000, p. 156).

O sistema de ensino europeu era de qualidade, visto que, existiam poucos alunos em sala de aulas. Só tinha acesso a escola os filhos dos brancos e dos negros assimilados. O ensino esteve sob a responsabilidade das missões religiosas, sendo o ensino laico muito reduzido e praticado por algumas instituições (Vieira, 2007, p. 43). No sistema do colono só se deveriam tirar os textos de ideologia portuguesa e o resto deveria se manter. O ensino estava bem estruturado e era de qualidade o que era muito bom a desvantagem é que não era para todos.

Os dados da nossa pesquisa revelam-nos que, quando não se gratifica bem os professores, quando não há capacitação periódica dos professores, quando não há colaboração entre a Escola e a família, quando não há um acompanhamento personalizado dos alunos, nota-se Insucesso Escolar.

Ainda se verifica Insucesso Escolar quando o aluno não tem material de apoio, quando o professor não dá aulas e não é substituído, quando o professor não dá aulas com mestria, quando o aluno é desprezado, quando o aluno não tem condições suficientes enfim.

Abordar a temática dos Factores do Insucesso Escolar é com certeza tratar de um assunto muito importante e, por isso, para se ultrapassar este problema é necessário o envolvimento do estado no sentido de construir mais Escolas, criar mais condições para as próprias Escolas, bem como gratificar bem os profissionais da educação; os professores têm de desempenharem bem os seus trabalhos não só de instruir mas também de educar; os encarregados de educação têm de colaborar neste processo de ensino e aprendizagem, os alunos tem de estar no centro deste processo.

. Em síntese, no último capítulo que consistiu na apresentação / análise de dados caracterizámos a escola, os sujeitos da pesquisa e fizemos a apresentação da análise das

variáveis dos inquéritos respondidos pelos alunos e pelos professores. Entrevistámos dois professores um que apresenta menos Insucesso Escolar e outro que apresenta mais Insucesso Escolar, e ainda entrevistamos o director que fez um comentário geral sobre a escola. Isto tudo, permitiu fazer uma reflexão sobre a problemática do Insucesso Escolar e poder contribuir com algumas sugestões para sua resolução.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

CONCLUSÕES

No presente trabalho procuramos reflectir sobre, os Factores do Insucesso Escolar – um estudo feito a partir da Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84, ano lectivo de 2016/2017, e temos consciência de não termos dito tudo, dado os limites e chegamos as seguintes conclusões.

O tema em análise é bastante amplo e complexo. O mesmo envolve um conjunto de protagonistas que entram na abordagem como é o caso dos alunos, dos pais, dos professores, da Escola e do estado.

Na verdade, é uma atitude negativa pensar que quando se fala de Insucesso Escolar o único responsável é o aluno. Entretanto, podemos afirmar que ele é alvo principal, visto que é o centro do processo de ensino e aprendizagem, mas não é o único responsável, até porque o aluno sozinho não caminha para nenhum lado.

A pesquisa feita revelou-nos que deve se buscar os Factores do Insucesso Escolar não apenas na relação negativa entre a expectativa da criança e a cultura dominante da Escola, mas também nos conhecimentos que tem - que a Escola não valoriza - e consequente afastamento da cultura escolar, por isso, fala-se da necessidade de pedagogia diferenciada.

O Insucesso Escolar constitui uma grande ameaça para todos os países e Angola não foge a regra. Os sujeitos da nossa pesquisa afirmaram que na Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84 verifica-se que os Factores do Insucesso Escolar devem-se ao número elevado de alunos nas salas de aulas, turmas ao ar livre, a falta de merenda escolar, já que muitos dos alunos vêm de famílias pobres, e que em alguns casos falta a sintonia dos alunos com os professores e estes com os encarregados de educação, a má remuneração dos professores por parte do governo, falta de incentivo e acompanhamento de alguns encarregados para com os seus filhos. E, sobre aquela falta de sintonia de professores com os alunos, perguntamos: os professores dominam a pedagogia diferenciada? O autor não lhes perguntou expressamente. Mas, com a reflexão sobre as declarações dos inquiridos, essa questão surge como importante para a formação inicial e continuada dos professores tendo em conta a diferença das origens culturais dos alunos.

Ainda notamos que na escola em análise se verifica Insucesso Escolar, pois que, muitos professores não tem uma formação pedagógica por um lado e por outro porque muitos professores não conseguem dar bem as aulas no sistema da monodocência, isto é, um professor dá todas as disciplinas do Ensino primário.

O Insucesso Escolar traz muitas consequências como por exemplo a criança que reprova corre o risco de vir a reprovar novamente, o Insucesso Escolar atinge a autoestima, leva a criança a abandonar a escola e finalmente isso contribui para a própria desintegração na sociedade o que é muito fatal.

Em síntese, muito ainda há que se reflectir sobre os Factores do Insucesso Escolar no ensino Primário na Escola Árvore do Conhecimento Nº 84. Com esta nossa dissertação não esgotamos o tema do Insucesso Escolar no ensino primário, simplesmente estamos no início de uma caminhada onde encontramos muitos pareceres atinentes ao tema em foco. É importante que a Escola Primária se veja cada vez mais capaz de enfrentar o Insucesso Escolar procurando vias alternativas para dar conta das dificuldades apresentadas pelos seus alunos para se estancar ou diminuir o Insucesso Escolar. As crianças clamam por um ensino de qualidade e rigor. Entretanto, é preciso o envolvimento de todos, isto é, dos alunos, dos familiares, dos professores e do estado.

RECOMENDAÇÕES

Como sabemos, educar é ajudar a formar a personalidade de um indivíduo para poder ser útil a sociedade.

A Escola precisa trabalhar mais em fazer tudo para o sucesso de aprendizagem de todos os alunos. Visto que, quando um aluno aprende ele fica a conhecer coisas novas, aprende valores que o ajudam a se inserir numa sociedade e ganha um perfil diferente, tem uma maneira diferente de ver as coisas.

A Escola deve primar no rigor e na qualidade. Para tal é preciso o envolvimento de toda a sociedade.

Assim, apresentamos as seguintes recomendações:

- a) Que o Governo da Província do Huambo construa mais Escolas Primárias a fim de diminuir o número de alunos nas salas de aulas e eliminar as turmas ao ar livre.

- b) Que o Governo do Huambo contrate mais professores a ponto de cada professor ter no máximo na sala de aulas 35 alunos para possibilitar o acompanhamento personalizado dos alunos.
- c) Que o Governo do Huambo implemente nas Escolas Primárias o rigor e a maneira de ensinar da era colonial, mas sem a ideologia colonial.
- d) Que o Governo do Huambo implemente a merenda escolar em todas as Escolas Primárias.
- e) É preciso encarar o aluno como centro de todo o processo de ensino e aprendizagem.
- f) Capacitar periodicamente os professores para saberem lidar com fenómeno do Insucesso Escolar e encontrarem mecanismos para solucionar este fenómeno através de diferentes estratégias pedagógicas.
- g) Que os professores respeitem as aprendizagens que os alunos já trazem das suas casas.
- h) Que a Escola organize periodicamente reuniões com todos os encarregados de educação.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1942). *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Enciclopédia Limitada.
- AA. V. V. *Educação em Angola-antes, durante e depois da independência*. (14 de setembro de 2014). <http://www3.pt>. Educação em Angola - antes, durante e depois da independência . consultado em 23 de junho de 2018.
- António, C. (2001). *Sociologia*. Portugal. Quimera.
- Amparo. (23 de julho de 2018). *questionários sobre o Insucesso Escolar*. (M. Fernando, Entrevistador).
- Benavente, A. (1976). *A Escola na sociedade de Classes*. Lisboa.
- Benavente, A. (1990). *Escola, professoras e processos de mudanças*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Benavente, A., Pires, I. V., Raul Iturra, T. P., & Relva, M. (s.d ou nd). *Revista "Agora"2*. Lisboa.
- Branco, J. (2012). *Insucesso escolar: um estudo na área escolar da Maia*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Educação, M. d. (2016). *Balanço da Reforma Educativa*. Obtido em 2018 de 1 de julho.
- <http://www>. Balanço da reforma educativa.
- Fortin, M. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Portugal.
- Griffo, C. (1996). *Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização: Perspectivas do aprendiz*. 1. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Educação - MG, 1996. v. 1. 100p .
- Kundonguende, J. (2013). *Crise e resgate dos valores morais, cívicos e culturais na sociedade angolana*. Luanda.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber- Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. São Paulo: UFMG.
- Mendonça, A, (2008) *Insucesso escolar : etimologia e definição*. consultado em 2019.11.19 <http://www3.uma.pt/alicemendonca/conteudo/publica/comunicacao2008.pdf>.
- Ministério da Educação. (2015). *Relatório de Monitorização sobre a Educação para todos EPT*. Obtido em 2017 de Julho de 25.
- OP.EDU. (2013). *Escola em Tempo de Crise*. Lisboa.

- Panchaud, C., & Benavente, A. (2008). *Luta Contra a pobreza e educação para inclusão: transformar a escola na África Subsariana*. França: Comissão.
- Paulino, L. (17 de Junho de 2018). Questionário sobre o Insucesso Escolar. (M. Fernando, Entrevistador).
- Perrenoud, P. (1999). *Profissionalização do professor e desenvolvimento de ciclos de aprendizagem; em cadernos de pesquisa nº 108*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e das ciências da educação.
- Rangel, A. (1999). *Insucesso Escolar*. Lisboa: Horizonte Pedagógico.
- Roazzi, A., & Almeida, L. (1988). *Insucesso escolar: insucesso do aluno ou insucesso do sistema escolar*. Portugal: revista portuguesa.
- Salomão, J. (26 de julho de 2019). *Insucesso Escolar no ensino Primário*. (F. Marcial, Entrevistador).
- Sil, V. (2004). *Os alunos em situação de crise*. Lisboa.
- Silva, E. (s.d.). *O papel social do sistema do ensino na Angola Colonial*. Obtido em 24 de Julho de 2017.
- Santo, F. (2000). *História recente da educação em Angola para uma cultura da paz*. Luanda: CEAST.
- Vieira, L. (14 de setembro de 2014). *Angola: Dimensão ideológica da educação 1975-1992 in Educação em Angola - antes, durante e depois da Independência*. Obtido em 23 de junho de 2018, de Educação em Angola - antes, durante e depois da Independência.
- Viera, L. (2007). *Angola: A dimensão ideológica da Educação 1975-1992*. Luanda: Nzila.
- Zau, F. (2009). *Educação em Angola Novos trilhos para o Desenvolvimento*. Lisboa: Movilivros.

ANEXOS

ANEXO A: INQUÉRITO FEITO A 55 ALUNOS EM REPRESENTAÇÃO DOS 3348 ALUNOS

Eu, Marcial Chiqueva Fernando, estou a desenvolver uma pesquisa sobre os Factores do Insucesso Escolar no ensino primário na Escola Primária Árvore do Conhecimento Nº 84, ano lectivo 2016 /2017. Por tal razão gostaria que preenchesse o seguinte inquérito com sinceridade de modo que os resultados pudessem contribuir para a pesquisa apresentada, com garantia que seu nome e função não serão revelados e que as respostas serão apenas para finalidade académica.

Antecipadamente muito obrigado.

Marcial Chiqueva Fernando

Assinale só uma opção X dentro do quadrado

- 1- Estás satisfeito em estudar nesta escola?

Sim ☐ Não ☐

- 2- Vives distante da escola?

Sim ☐ Não ☐

- 3- A escola oferece boas condições para o estudo?

Sim ☐ Não ☐

- 4- A direcção da escola tem organizado reuniões para partilhar conhecimentos a fim de superar o Insucesso Escolar dos alunos?

Sim ☐ Não ☐

- 5- Os teus pais te prestam todo apoio para o estudo?

Sim ☐ Não ☐

- 6- OS alunos menos inteligentes fracassam em todas as disciplinas ou só em algumas?

Em todas

☐

Em algumas

☐

Assinale uma ou mais opções com X nas seguintes alíneas:

1. Em quem recai a maior dose de culpa deste Insucesso dos alunos?
 - a) Aos professores.
 - b) Aos encarregados de educação.
 - c) Aos próprios alunos.
2. Qual o motivo do Insucesso Escolar no ensino primário?
 - a) Dificuldades económicas dos pais.
 - b) Falta de condições nas salas de aulas.
 - c) Número elevado dos alunos nas salas de aulas.
3. Se tivesses o poder de mudar na sua escola o que seria mais urgente?
 - a) Diminuir o número de alunos por turmas.
 - b) Aumentar mais turmas a fim de acabar com as salas ao ar livre.
 - c) Implementar o pré-escolar.
 - d) Criar mais condições de recreação para os alunos.

Este inquérito tem carácter anónimo, mas agradeço que preencha os dados seguintes:

Idade

Sexo

Escolaridade

ANEXOS B- DADOS DOS QUADROS REFERENTES AOS INQUÉRITOS
APLICADOS AOS 48 PROFESSORES

Estás satisfeito em trabalhar nesta escola?

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
	Sim	39	81,3	81,3	81,3
Válido	Não	9	18,8	18,8	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Sentes dificuldades em trabalhar nesta escola?

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
	Sim	12	25,0	25,0	25,0
Válido	Não	36	75,0	75,0	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Estás contente com o salário que recebes?

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
	Sim	8	16,7	16,7	16,7
Válido	Não	40	83,3	83,3	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

A escola oferece boas condições para o trabalho?

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
	Sim	35	72,9	72,9	72,9
Válido	Não	13	27,1	27,1	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

A direcção da escola tem organizado reuniões para partilhar conhecimentos a fim de superar o Insucesso Escolar dos alunos?

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
	Sim	43	89,6	89,6	89,6
Válido	Não	5	10,4	10,4	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Tens tido relação com os parentes dos teus alunos?

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
	Sim	36	75,0	75,0	75,0
Válido	Não	12	25,0	25,0	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Os alunos menos inteligentes fracassam em todas as disciplinas ou só em algumas?

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
	Em todas	11	22,9	22,9	22,9
Válido	Em algumas	37	77,1	77,1	100,0
	Total	48	100,0	100,0	

Aquém recai a maior dose de culpa deste insucesso dos alunos?

		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
	Aos professores	7	14,6	14,6	14,6
	Aos encarregados	16	33,3	33,3	47,9
	Aos próprios alunos	8	16,7	16,7	64,6
	Aos professores e encarregados de educação	3	6,3	6,3	70,8
Válido	Aos professores e aos próprios alunos	5	10,4	10,4	81,3
	Aos encarregados de educação e aos próprios alunos	4	8,3	8,3	89,6
	Aos professores, aos encarregados de educação e aos próprios alunos	5	10,4	10,4	100,0

Total	48	100,0	100,0
-------	----	-------	-------

Qual o motivo do Insucesso Escolar dos teus alunos?

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Dificuldades económicas dos pais	8	16,7	16,7	16,7
Falta de condições nas salas de aulas	7	14,6	14,6	31,3
Número elevado dos alunos nas salas de aulas	16	33,3	33,3	64,6
Dificuldades económicas dos pais e número elevado dos alunos nas salas de aulas	10	20,8	20,8	85,4
Válido Falta de condições nas salas de aulas e número elevado dos alunos nas salas de aulas	4	8,3	8,3	93,8
Dificuladdes económicas dos pais, falta de condições nas salas de aulas e número elevado dos alunos nas salas de aulas	3	6,3	6,3	100,0
Total	48	100,0	100,0	

Se tivesses o poder de mudar na sua escola o que seria mais urgente?

	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Diminuir o número de alunos por turmas	21	43,8	43,8	43,8
Aumentar mais turmas a fim de acabar com as salas ao ar livre	11	22,9	22,9	66,7
Implementar o pré- escolar	1	2,1	2,1	68,8
Diminuir o número de alunos por turmas e aumentar mais turmas a fim de acabar com as salas ao ar livre	8	16,7	16,7	85,4
Aumentar mais turmas a fim de acabar com as salas ao ar livre e criar mais condições de recreação para os alunos.	3	6,3	6,3	91,7
implementar o pré- escolar e criar mais condições de recreação para os alunos	4	8,3	8,3	100,0
Total	48	100,0	100,0	

Válido

ANEXO C. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO FEITO A TODOS OS PROFESSORES DA ESCOLA EM ANÁLISE

Eu, Marcial Chiqueva Fernando, estou a desenvolver uma pesquisa sobre o Insucesso Escolar no ensino primário na escola árvore do Conhecimento N° 84. Por tal razão gostaria que preenchesse o seguinte inquérito com sinceridade de modo que os resultados pudessem contribuir para a pesquisa apresentada, com garantia que seu nome e função não serão revelados e que as respostas serão apenas para finalidade académica.

Antecipadamente muito obrigado.

Marcial Chiqueva Fernando

Assinale só uma opção X dentro do quadrado

1- Estás satisfeito em trabalhar nesta escola?

Sim ☐ Não ☐

2- Sentes dificuldades em trabalhar nesta escola?

Sim ☐ Não ☐

3- Estás contente com o salário que recibes?

Sim ☐ Não ☐

4- A escola oferece boas condições para o trabalho?

Sim ☐ Não ☐

5- A direcção da escola tem organizado reuniões para partilhar conhecimentos a fim de superar o Insucesso Escolar dos alunos?

Sim ☐ Não ☐

6- Tens tido relação com os parentes dos teus alunos?

Sim ☐ Não ☐

7- OS alunos menos inteligentes fracassam em todas as disciplinas ou só em algumas?

☐

Em todas

☐

Em algumas

Assinale uma ou mais opções com X nas seguintes alíneas:

8- Em quem recai a maior dose de culpa deste Insucesso dos alunos?

b) Aos professores

c) Aos encarregados de educação

d) Aos próprios alunos

9- Qual o motivo do insucesso escolar dos teus alunos?

a) Dificuldades económicas dos pais.

b) Falta de condições nas salas de aulas.

c) Número elevado dos alunos nas salas de aulas.

10- Se tivesses o poder de mudar na sua escola o que seria mais urgente?

a) Diminuir o número de alunos por turmas.

b) Aumentar mais turmas a fim de acabar com as salas ao ar livre.

c) Implementar o pré-escolar.

d) Criar mais condições de recreação para os alunos.

Este inquérito tem carácter anónimo, mas agradeço que preencha os dados seguintes:

Idade

Sexo

Escolaridade

Tempo de Serviço

ANEXO D- Entrevista com dois Professores

Entrevista Nº 1

Entrevista com o professor Amparo Jorge (nome fictício) que apresenta menos Insucesso Escolar (Professora da 6ª classe)

1. Como professor o que entendes por *Insucesso Escolar*?

R: Fala-se de insucesso escolar quando o aluno não é capaz de atingir o sucesso escolar, ou seja, quando o aluno não assimila as matérias.

2. Como professor, o que fazes de especial para que os alunos com dificuldades de aprendizagem superem o seu estado de *baixo rendimento escolar*?

R: Quando se deteta alguém com estas características é preciso avaliar a esfera do aluno, avaliar todas as esferas do aluno, o seu aspecto afetivo, emocional, diagnosticar a pessoa, ver o seu passado, se já tinha um fraco rendimento ou não. Propor soluções dialogando com todos os intervenientes, experimentar as propostas de solução.

3. Como avalias a sua relação com os parentes de seus alunos?

R: É de vital importância porque é por meio deles que os alunos se desenvolvem integralmente. É preciso criar um ambiente onde a criança se sinta importante.

4. Em tuas palavras qual o motivo do Insucesso Escolar dos teus alunos?

R: O abandono que se faz aos pequeninos;

Falta de imagens essenciais da vida pai e mãe;

Ausência de testemunhas coerentes;

Confusão entre o ideal e o real.

5. Ainda em suas palavras a quem recai a maior dose de culpa deste Insucesso dos alunos?

A todos aqueles que entram no processo de ensino e aprendizagem e a quem não corresponde a responsabilidade de educar integralmente. Por exemplo se a turma é de 100 alunos o professor não vai conseguir conhecer todos os alunos, o nome, bem como as suas qualidades e debilidades.

6. Achas que o factor económico está na base do Insucesso Escolar?

R: Não, a base é humana não material, porém na actual sociedade, no mundo globalizado, hedoneizado e tão materializado, é tão importante para a ideologia que este factor se transforma num motor.

7. Porquê é que os alunos mais pobres apresentam maior Insucesso Escolar em relação aos alunos de pais bem-sucedidos?

R: Por causa da ideologia nos casos que assim se suscitam, porém existem também alunos que são formados integralmente e embora sem grandes meios económicos se destacam e outros com condições aceitáveis se deixa levar pelo poder.

8. Quais são as estratégias que podemos utilizar para acabar com o Insucesso Escolar no ensino primário?

R: Formação integral dos professores;

- Amar o serviço docente, ir à escola não só para ganhar o pão, senão ganhar a minha realização profissional, humana e integral.

9. Aponte as consequências que traz o Insucesso Escolar no ensino primário?

R: - Sociedade desintegrada;

-Inversão na hierarquia de valor;

-Insucesso na Formação integral.

10. Estais alegres com o salário que recibes mensalmente?

R: Não estou. Mas como trabalho por amor isto não afecta na minha maneira de dar aulas.

11. Se tivesses o poder para acabar ou atenuar com o Insucesso Escolar o que é que seria mais prioritário: diminuir os alunos em salas de aulas, aumentar mais salas de aulas ou gratificar bem os professores?

R: Aumentar mais salas de aulas com o objectivo de se ter poucos alunos por turmas e assim possibilitar um acompanhamento personalizado dos alunos. (Amparo, 2018)

3.3.2. Entrevista Nº 2

Entrevista com o professor Paulino Borges (nome fictício) que apresenta maior Insucesso Escolar (Professor da 1ª classe)

1. Como professor o que entendes por Insucesso Escolar?

R: Fala-se de Insucesso Escolar quando uma pessoa é *incapaz de assimilar* a matéria a ponto de transitar de classe.

2. Como professor, o que fazes de especial para que os alunos com dificuldades aprendizagem superem o seu estado de baixo rendimento escolar?

R: Eu como professor duplico o esforço para o rendimento escolar dos meus alunos, sem esquecer o estado psíquico, o meio que rodeia e o modo de vida deles.

3. Como avalia a sua relação com os parentes de seus alunos?

R: Tenho dito poucas relações com os encarregados dos meus alunos. Reúno com eles uma vez por ano e muitos deles não aparecem.

4. Em tuas palavras qual o motivo do Insucesso Escolar dos teus alunos?

R: O motivo do Insucesso Escolar dos meus alunos em minhas palavras é o número elevado dos alunos por turmas e as aulas ao ar livre que provoca uma distração por parte dos alunos.

5. Ainda em suas palavras a quem recai a maior dose de culpa deste Insucesso dos alunos?

R: A maior dose de culpa do Insucesso Escolar recai ao Governo e em alguns casos a nós professores.

6. Achas que o factor económico está na base do Insucesso Escolar?

R: Sim o factor económico é importante no processo de ensino e aprendizagem. Sem este factor quase que, é impossível falar de educação.

7. Porquê é que os alunos mais pobres apresentam maior Insucesso Escolar em relação aos alunos de pais bem-sucedidos?

8.

R: Porque a pobreza afecta significativamente o estado psicológico dos alunos em todas as vertentes.

9. Quais são as estratégias que podemos utilizar para acabar com o Insucesso Escolar no ensino primário?

R: -O governo deve abrir mais vagas para ingresso de professores e os enviar para as escolas primárias que mais necessitam

- Construir mais escolas primárias.

- Nivelar os salários dos professores segundo as regras dos estatutos que regem o país.

9. Aponte as consequências que traz o Insucesso Escolar no ensino primário?

R: sociedade desintegrada.

10. Estais alegres com o salário que recibes mensalmente?

R: Não estou. E isto afecta a minha maneira de dar aulas e por isso, dou aulas nervoso

11. Se tivesses o poder para acabar com o Insucesso Escolar o que é que seria mais prioritário: diminuir os alunos em salas de aulas, aumentar mais salas de aulas ou gratificar bem os professores?

R: Aumentar mais salas de aulas com o objectivo de se ter poucos alunos por turmas e assim possibilitar um acompanhamento personalizado dos alunos. (Paulino, 2018).

3.3.3. Entrevista Nº 3

Entrevista com o director André Saco (nome fictício)

- 1- O que entendes por Insucesso Escolar?

R: O Insucesso Escolar dito por palavras sinonimas é quando alguém não tem sucesso. Fala-se de Insucesso Escolar quando o aluno não teve bons resultados na Escola.

- 2- Como director, o que fazes de especial para que os alunos com dificuldades aprendizagem superem o seu estado de baixo rendimento escolar?

R: Procuro falar com os professores para usarem outras técnicas de aprendizagem.

- 3- Como avalias a sua relação com os parentes de seus alunos?

R: É boa reunimos sempre no princípio e no fim de cada trimestre.

- 4- Em tuas palavras qual o motivo do Insucesso Escolar dos alunos da tua Escola?

R: Um dos motivos do Insucesso Escolar é a pobreza. Quando o aluno não tem condições para estudar bem isto toca não só a família, mas também o próprio estado que não oferece transportes escolares. O aluno chega sempre cansado por fazer longas caminhadas.

- 5- Ainda em suas palavras a quem recai a maior dose de culpa deste Insucesso dos alunos?

R: A família joga um papel importante, quando a família está desestruturada isto afecta o aluno na escola; O aluno quando não colabora no processo de ensino e aprendizagem se entrega a outras práticas.

- 6- Achas que o factor económico esta na base do Insucesso Escolar?

R: O factor económico joga um papel importante, mas não é o mais importante, a maior debilidade está no conceito que temos como homens e o conceito de nação. A economia a coloco em segundo plano.

7- Porquê é que os alunos mais pobres apresentam maior Insucesso Escolar em relação aos alunos de pais bem-sucedidos?

R: Em parte concordo em parte não.

8- Quais são as estratégias que podemos utilizar para acabar com o Insucesso Escolar no ensino primário?

R: Pauto pela política de integração. Direitos iguais aos alunos e respeito pela diferença.

9- Aponte as consequências que traz o Insucesso Escolar no ensino primário?

R: Uma das consequências do Insucesso Escolar é que ele pode provocar frustração aos alunos e os seus efeitos podem se verificar o índice no aumento de gatunos, os conflitos aumentam na família enfim.

10- Estás alegre com o salário que recibes mensalmente?

R: Não estou. Mas já dá.

11- Se tivesses o poder para acabar com o Insucesso Escolar o que é que seria mais prioritário: diminuir os alunos em salas de aulas, aumentar mais salas de aulas ou gratificar bem os professores?

R: Aumentar mais salas de aulas com o objectivo de se ter poucos alunos por turmas e assim possibilitar um acompanhamento personalizado dos alunos (André, 2018).

ANEXO E- Índice de gráficos do inquérito aos professores

Gráfico 1. X1: Estás satisfeito em trabalhar nesta escola?	57
Gráfico 2. X2: Sentes dificuldades em trabalhar nesta escola?	57
Gráfico 3. X3: Estás contente com o salário que recebes?	58
Gráfico 4. X4: A escola oferece boas condições para o trabalho?	58
Gráfico 5. X5: A direcção da escola tem organizado reuniões para partilhar conhecimentos a fim de superar o Insucesso Escolar dos alunos?	59
Gráfico 6. X6: Tens tido relação com os parentes dos teus alunos?	59
Gráfico 7. X7: Os alunos mais frágeis fracassam em todas as disciplinas ou só em algumas?	60
Gráfico 8. X8: Em quem recai a maior dose de culpa deste Insucesso dos alunos?	60
Gráfico 9. X9: Qual o motivo do Insucesso Escolar dos teus alunos?	61
Gráfico 10. X10: Se tivesses o poder de mudar na sua escola o que seria mais urgente?	61